



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
LETRAS – TRADUÇÃO ESPANHOL

MYKHAELA LOUSADO BARBOSA

**A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR DA OBRA DE JACQUES LACAN**

PROJETO FINAL DE CURSO

Brasília  
2020

MYKHAELA LOUSADO BARBOSA

**A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR DA OBRA DE JACQUES LACAN**

Projeto Final apresentado ao Curso de Letras Tradução Espanhol, da Universidade de Brasília, para a Obtenção do grau de Bacharela, executado sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Alba Elena Escalante Álvarez.

Brasília - DF

2020

MYKHAELA LOUSADO BARBOSA

**A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR DA OBRA DE JACQUES LACAN**

Projeto Final apresentado ao Curso de Letras Tradução Espanhol, da Universidade de Brasília, para a Obtenção do grau de Bacharela, executado sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Alba Elena Escalante Alvarez.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra María Pérez López

---

Prof.<sup>a</sup> Ms<sup>a</sup> Magali de Lourdes Pedro

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alba Elena Escalante  
(Orientadora)

Dedico este trabalho à minha vizinha Ivone da Silva Louzado que sempre me inclui nas suas orações. Tenho certeza de que suas preces tocam o céu e Deus, na sua infinita misericórdia, derrama bênçãos sem medida na minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ser meu auxílio nos momentos difíceis; ser a minha força, quando a minha se esvai; ser a minha proteção todos os dias.

Agradeço à minha mãe Ireni Lousado Barbosa pelo apoio que me deu quando escolhi ir para a Universidade. Mãe, sem o seu apoio, eu não estaria aqui. Eu não teria vivido e aprendido o que aprendi, muito obrigada!

Agradeço a todos os familiares que me apoiaram nas minhas decisões, incentivaram-me nos momentos difíceis e me colocaram nas suas orações.

Agradeço a todas as pessoas que lutam pela educação pública de qualidade, em um momento de supervalorização da ignorância e dos achismos; vocês são heróis.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras Tradução - Espanhol da Universidade de Brasília pelo conhecimento transmitido, pelos conselhos dados e pelo amor que dedicaram a nos ensinar.

Agradeço, especialmente, a Alba Elena Escalante Álvarez, minha professora e orientadora, que me mostrou um caminho de possibilidades, guiou-me em vários projetos e se dedicou a me ajudar até aqui, na conclusão deste curso. Muito obrigada pela sua paciência e dedicação, não teria alçado voos tão altos se não fosse pelo seu incentivo.

Agradeço a minha psicóloga, Dr<sup>a</sup> Missileny, por ter me ajudado lidar com as minhas frustrações, por me ensinar a ser menos exigente comigo mesma e pela frase que repetia em todas as sessões “feito é melhor que perfeito”. Não sei quem é o autor, mas, em muitos dias, essa frase me salvou.

## RESUMO

O presente trabalho relaciona tradução e psicanálise para tratar o tema da invisibilidade do tradutor. Embora esse agente não seja reconhecido, sabe-se que o conhecimento circula pelo seu trabalho e a psicanálise não é uma exceção, pois esse campo se tornou conhecido através das traduções. Não só o incentivo às traduções por parte de Sigmund Freud, considerado o precursor desse campo, mas a sua criação do conceito revolucionário de inconsciente que está estritamente relacionado à linguagem, a qual está ligada à tradução, possibilitam a articulação entre os dois campos. O objetivo é discorrer sobre a invisibilidade do tradutor, notadamente no que se refere às traduções da obra de Jacques Lacan para língua espanhola, e provocar uma reflexão a respeito dos psicanalistas serem formados através de traduções. Para isso, utilizamos de uma pesquisa bibliográfica documental para formar o corpus que compõe este trabalho, organizamos as informações, posteriormente as analisamos para chegar nos resultados. Referente à tradução, notou-se a questão da invisibilidade ao constatar a dificuldade de localizar informações sobre muitos tradutores, porém possibilitou tirar dos bastidores esse agente tão importante para a disseminação da psicanálise. Quanto à psicanálise, os dados obtidos possibilitaram falar sobre a forma como foi difundido o que podemos chamar de “O Ensino de Lacan”.

**Palavras-chave:** Tradução - Psicanálise - Invisibilidade - Tradutor - Linguagem - Jacques Lacan.

## RESUMEN

El presente trabajo relaciona traducción y psicoanálisis para tratar el tema de la invisibilidad del traductor. A pesar de que ese agente no sea reconocido, se sabe que el conocimiento circula a través de las traducciones. El vínculo entre traducción y psicoanálisis queda subrayado no solo por la traducción de sus textos, incentivada por Sigmund Freud, sino también por su revolucionaria creación del concepto de inconsciente estrechamente vinculado al lenguaje y, por ende, a la traducción. El objetivo es presentar una discusión sobre la invisibilidad del traductor en el caso específico de las traducciones de Jacques Lacan en español y, con ello, propiciar una reflexión sobre el hecho de que la formación de psicoanalistas se apoya en traducciones. Para ello, construimos un corpus de informaciones a partir de una investigación bibliográfica y documental, organizamos los datos reunidos y los analizamos para llegar a los resultados. En lo que se refiere a la traducción, leemos la dificultad en localizar informaciones sobre los traductores como índice de invisibilidad. Sobre el psicoanálisis, los datos permitieron describir parcialmente cómo se difunde en español lo que se conoce como Enseñanza de Lacan.

**Palabras-clave:** Traducción – Psicoanálisis – Invisibilidad – Traductor – Lenguaje – Jacques Lacan.

## **LISTA DE IMAGENS**

<b>Imagem 1- Jacques Lacan em Caracas.....</b>	<b>23</b>
--	-----------



## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1 - As fontes de pesquisa.....</b>	<b>26</b>
<b>Quadro 2 - As divisões da planilha.....</b>	<b>26</b>
<b>Quadro 3 - Informações sobre as obras originais e suas traduções ao espanhol.....</b>	<b>27</b>
<b>Quadro 4 - Informações sobre os tradutores.....</b>	<b>28</b>

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1 - Publicações em francês e suas respectivas traduções para o espanhol e português.....</b>	<b>31</b>
<b>Gráfico 2 - Países em que residiram os tradutores de Jacques Lacan.....</b>	<b>35</b>
<b>Gráfico 3 - Ocupação e formação dos tradutores.....</b>	<b>36</b>
<b>Gráfico 4 - Produções que se referem ao trabalho como tradutor.....</b>	<b>37</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 UMA BREVE HISTÓRIA DA TRADUÇÃO</b> .....	14
<b>2.1 Tradução da Bíblia</b> .....	15
<b>3 A TRADUTOLOGIA DE ANTOINE BERMAN</b> .....	16
<b>4 INVISIBILIDADE DO TRADUTOR</b> .....	17
<b>5 TRADUÇÃO E PSICANÁLISE</b> .....	19
<b>5.1 Sejam lacanianos se quiserem, eu sou freudiano</b> .....	21
<b>5.1.1 Sua Obra</b> .....	23
<b>5.1.2 Lacan e a Tradução</b> .....	24
<b>6 OBJETIVO DA PESQUISA</b> .....	25
<b>7 METODOLOGIA DO TRABALHO</b> .....	25
<b>8 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	28
<b>8.1 Todas as traduções do corpus</b> .....	29
<b>8.2 Acerca dos Escritos</b> .....	29
<b>8.3 Acerca dos Seminários</b> .....	32
<b>8.4 Acerca dos Tradutores</b> .....	35
<b>8.4.1 Ricardo Rodríguez Ponte</b> .....	39
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>10 REFERÊNCIAS</b> .....	44
<b>APÊNDICE A - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS</b>	
<b>APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS</b>	
<b>APÊNDICE C - OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

Quando se comenta sobre tradução, normalmente está relacionado a um “problema”, uma “incoerência”; outros, até mesmo, classificam como um “erro”. Não que esses erros não existam; porém, muitas vezes esses comentários estão relacionados ao desconhecimento do processo tradutório e da dificuldade de entender que a língua é viva e existem lacunas dentro do próprio idioma que, no processo tradutório, são realçadas. Somente no momento em que esses erros se tornam perceptíveis, o tradutor é notado. Esse agente se torna o responsável ou irresponsável por aquele equívoco.

Há muita falácia quando o assunto é a psicanálise. Sigmund Freud, considerado o fundador desse campo, foi taxado de “libertino”, “sujo” e “repugnante”; teve suas ideias recebidas com muita zombaria. Até aqui, podemos dizer que os dois campos já se interligam por alguns preconceitos que se tem a respeito dessas áreas.

O caráter nômade dos estudos da tradução possibilita a articulação desse campo com outras áreas do conhecimento, inclusive com a psicanálise, que vários estudiosos se debruçaram em pesquisar e articular. Freud inventa o conceito que denomina de inconsciente e que está estreitamente relacionado à linguagem. Por sua vez, o teórico da tradução Antoine Berman se apropria desse conceito freudiano para propor uma analítica da tradução; o processo tradutório envolve a linguagem. Ou seja, a linguagem é *sine qua non* para os dois campos.

Com o aumento das pesquisas que relacionam tradução e psicanálise, observa-se um maior interesse em produzir debates dentro dessas áreas e possibilitam novos estudos que visam a contribuir para essa discussão. Este trabalho é a continuação de um projeto anterior denominado de *Compilação dos Tradutores de Jacques Lacan para o Espanhol*, sendo renomeado para *A Invisibilidade do Tradutor da Obra de Jacques Lacan*, porque acreditamos que esse título abrange mais o que há nesta pesquisa. O trabalho se originou das discussões do grupo de estudos Tradução e Psicanálise – Políticas de Transmissão, que, posteriormente, foi inserido no grupo de pesquisa MapTrad – Mapeamentos em Tradução<sup>1</sup> – do CNPq, certificado pela Universidade de Brasília.

A minha relação com o grupo de pesquisa em questão começou em 2017, quando a professora e, hoje, minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Alba Escalante, convidou, durante uma aula, todos os alunos que tivessem interesse em realizar pesquisas. O que mais me motivou a fazer parte do grupo foi o objetivo que havia estabelecido ao ser aprovada no vestibular: aproveitaria

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2060501981311209>

tudo que a universidade tinha para oferecer. No início, o meu interesse envolvia somente a tradução, sua história, suas teorias, as várias subáreas, as dificuldades. Maravilhei-me com esse campo, que me levou a refletir e a questionar. Com as discussões e a vontade de entender mais o ser humano e, até mesmo, entender-me, a psicanálise se tornou um assunto do meu interesse.

Este trabalho é somente a ponta de um todo maior realizado pelos outros participantes do grupo de pesquisa. Padilha (2019) fez um trabalho que conversa diretamente com este, no qual a autora compilou os tradutores de Jacques Lacan para o português e também trabalhou a questão da Invisibilidade. Tavares (2019) fez uma tradução comentada do livro *Fobias en la infancia*, de Ariel Pernicone e Mirtha Benítez, mostrando as dificuldades da tradução. Barbosa (2019) fez uma análise paratextual de traduções, buscando entender como se dava o processo de recepção dos textos psicanalíticos traduzidos e o papel do tradutor nesse processo. Araújo Sobrinho (2017) estabeleceu a relação da tradução e psicanálise com a linguagem e fez uma pesquisa bibliográfica das universidades brasileiras que relacionavam os dois campos. Chaud (2020), que apresenta seu trabalho também este ano, fez uma compilação da obra de Jacques Lacan, buscando detectar as declinações da ideia da tradução em um corpus feito dos Seminários. Todas essas propostas veiculam, no âmbito da pesquisa, possibilidades de relação entre tradução e psicanálise.

No processo de elaboração, os avanços da pesquisa foram submetidos ao crivo externo. Primeiro, foi apresentada no evento *V Jornadas Internacionales de Traductología*, realizado na Universidade de Córdoba, Argentina; depois, no *I Simpósio de Mapeamentos em Tradução*, na mesa que tinha como tema *Tradução e Psicanálise*; também foi apresentada no 25º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília e 16º Congresso de Iniciação Científica do Distrito Federal, para obter a aprovação no Projeto de Iniciação Científica que resultou na menção honrosa e, por fim, no *XXII Congresso Internacional de Humanidades*. As três últimas apresentações ocorreram na Universidade de Brasília.

Colocados todos os pontos que no conduziram até aqui, através de uma pesquisa bibliográfica documental, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a invisibilidade da figura do tradutor, mais especificamente do tradutor de textos psicanalíticos — haja vista não ser possível mapear todas as obras existentes para trabalharmos essa questão da invisibilidade em todos os tipos de obras. Outro objetivo consiste em propiciar um espaço de interrogação sobre os desdobramentos da tradução na formação dos psicanalistas, tendo em vista que essa formação está veiculada pela leitura de textos produzidos por tradutores. Com isso, tiramos dos bastidores esse agente tão importante para a disseminação da psicanálise.

O trabalho está dividido em dez capítulos apresentados desta maneira: 1. Apresentação do trabalho; 2. Uma breve história da tradução; 3. A tradutologia de Antoine Berman; 4. A invisibilidade do tradutor; 5. Tradução e psicanálise; 6. Objetivo da pesquisa, 7. Metodologia do trabalho; 8. Análise dos dados; 9. Considerações finais e, por fim, 10. Referências.

## 2. UMA BREVE HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

Alguns pensam que a tradução é uma profissão recente; outros nem ao menos veem como profissão, senão apenas como um processo de transpor o significado de uma palavra de uma língua para outra. O fato é que tradução é uma profissão que existe há milênios. Temos registros desde 3000 a.C. que apresentam que Faraó tinha um tradutor. Por isso, vamos discorrer um pouco a respeito dessa atividade muito antiga e pouco (re)conhecida, para entendermos como se deu o seu processo ao longo da história.

Com relação à definição de tradução, podemos encontrar várias: Ottoni (1997, p. 160) a define “como um acontecimento da linguagem humana que revela, ao mesmo tempo, a existência de várias línguas e as diferenças e semelhanças entre elas”, Albaladejo (2006, p. 1) apresenta a “tradução como um fenômeno comunicativo de grande complexidade que pode ser observado e explicado de distintas formas”<sup>2</sup> (tradução nossa).

Definir a tradução é até controverso, considerando que, em cada época, diferentes conceitos imperam. Com relação à história, Berman (1984) menciona:

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente esta rede cultural infinitamente complexa e confusa na qual, em cada época, ou em espaços diferentes, ela se encontra presa, e fazer do conhecimento histórico, assim obtido, uma abertura para nosso presente. (BERMAN, 1984, p. 14, tradução nossa).<sup>3</sup>

Partindo disso, entendemos que a tradução não permite sua fixação em períodos e, por isso, possibilita várias formalizações teóricas e históricas que influenciam na “função e papel do tradutor radicalmente alterados” (OTTONI, 1997, p. 165) em cada época.

Diogo Costa (2012) menciona que, ao longo da história, a tradução nem sempre teve como objetivo comunicar, e ressalta, ainda, a importância de observarmos como esse ofício é interpretado no decorrer do tempo para entendermos seus objetivos hoje. Quanto a esse processo histórico, podemos mencionar a tradução da Bíblia.

<sup>2</sup> La traducción es un fenómeno comunicativo de gran complejidad que puede ser observado y explicado de distintas formas (ALBALADEJO, 2006, p. 1).

<sup>3</sup> Faire l’histoire de la traduction, c’est redécouvrir patiemment ce réseau culturel infiniment complexe et déroutant dans lequel, à chaque époque, ou dans des espaces différents, elle se trouve prise. Et faire du savoir historique ainsi obtenu une ouverture de notre présent (BERMAN, 1984, p. 14).

## 2. 1 Tradução da Bíblia

Quando falamos sobre tradução, lembramos da Bíblia, não porque seja o livro mais vendido, mas porque é o livro mais traduzido. Mencionar a Bíblia neste trabalho é importante, principalmente, por sua tradução e história. Por isso, descreveremos brevemente parte do seu processo histórico e de tradução.

Algumas informações enciclopédicas mencionam que a Bíblia levou 1600 anos para ser escrita por 40 autores diferentes, e é dividida em duas partes: Antigo Testamento e Novo Testamento. Foi escrita em três línguas: hebraico, aramaico e grego.

Em 323 a.C, com a morte de Alexandre, o Grande, parte do ocidente se tornou bilíngue, e o grego passou a ser a segunda língua mais falada e, por consequência dessa ascensão do Grego, uma tradução para esse idioma se tornou importante. Demetrius de Phaleron (350 a.C. — 280 a.C.), o responsável pela biblioteca em Alexandria, pediu ao rei que conseguisse uma cópia da tradução da lei judaica. Assim, 72 homens sábios, 6 de cada uma das 12 tribos, foram selecionados e enviados para Alexandria para realizar a tradução. Em 70 dias, eles traduziram toda a Torá e esse trabalho de tradução ficou conhecido como Septuaginta que, em grego, significa 70.

Posteriormente, em 405 d.C, Jerônimo se propôs a fazer a tradução da Bíblia para o latim, diretamente do hebraico. Foi a única tradução, por um longo período, feita diretamente do hebraico e não do grego, e ficou conhecida como a Vulgata. Durante muito tempo, foi a tradução usada pela Igreja Católica. Foi tão admirada que outras traduções foram proibidas e o latim se tornou a língua oficial da Igreja.

Ao mencionar a tradução da Bíblia, Costa (2012) aborda que a tradução do hebraico para o grego tinha como objetivo “comunicar”, diferentemente da tradução feita para o latim. Uma vez que a elite do império romano era bilíngue, a Septuaginta cumpria a função de comunicação. Então, por que fazer uma tradução para o latim se já havia a comunicação feita da tradução do hebraico para o grego? Quanto a isto, observamos:

Poderíamos lembrar que nesse período a tradução tinha o objetivo de treinamento de retórica, estilística e a incorporação de temáticas gregas, mas levantamos a hipótese de que foi ela também nesse período um fenômeno importante para a criação de uma cultura romana rica, rica o suficiente para rivalizar-se com a cultura grega. Ou seja, houve como consequência à tradução o enriquecimento da língua romana (COSTA, 2012, p. 158).

Podemos inferir que a Vulgata feita por Jerônimo e tão contemplada pelo catolicismo, juntamente com a ideia de se criar uma cultura romana que pudesse “rivalizar-se” com a

cultura grega — porque estamos falando de um período em que a cultura grega literária e filosófica era mais vasta que a romana —, fez com que o latim se tornasse uma língua de prestígio e isso se perpetuou em todo o período da Idade Média e além dela (OUSTINOFF, 2011, p. 33-34, Apud COSTA, 2012, p. 158).

Na Idade Média, a Bíblia ficou restrita e poucos podiam ter acesso. Sem mais delongas, aqui levantamos a hipótese — que mais à frente será mencionada por Ricardo Rodríguez Ponte quanto ao seu trabalho como tradutor — de que a tradução e divulgação da Bíblia estavam relacionadas a um viés político, já que nesse período Igreja e o Estado eram a mesma coisa.

Há várias traduções existentes desse livro até os dias de hoje, o qual mostra sua importância na construção da história do ocidente. Ou seja, as nossas bases e fundamentos estão na tradução. O caso da Bíblia é paradigmático e ilustrativo.

Observando brevemente os primeiros passos sobre a tradução deste livro, percebemos a importância de analisarmos as funções da tradução sob as perspectivas históricas, considerando também o tempo em que cada tradução estava inserida. O filósofo, crítico literário e teórico francês da tradução, Antoine Berman (2009), propõe, em contraposição aos discursos pré-existentes da tradução, um novo discurso, o da tradutologia. Concorda sobre a questão de analisar esse campo sob a luz do tempo e da história; por isso, sua proposta contribui muito para os Estudos da Tradução. Vamos entender do que se trata.

### **3. A TRADUTOLOGIA DE ANTOINE BERMAN**

Antoine Berman advoga que, desde a tradição ocidental, a tradução é acompanhada de um discurso que se baseia em nomes conhecidos dentro desse campo. Alguns exemplos desses tradutores são Cícero, Jerônimo, Lutero, Valéry, Goethe e Octavio Paz, e em cada época os não tradutores não fazem mais que repetir tal discurso. Esse discurso é o que Berman classifica como “tradicional” e propõe, então, um novo: a tradutologia, entendida como a “reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência” (BERMAN, 2009, p.347).

Sobre a tradutologia, Berman menciona que é “*a retomada reflexiva da experiência que é a tradução*” (2009, p. 347, grifo do autor). Seria o mesmo que fazer uma reflexão da atividade de traduzir a partir da própria experiência e não se basear em discursos fechados, uma vez que “na tradutologia se recusa desde o início a ideia de uma teoria global e única do traduzir” (BERMAN, 2009, p. 348).



Berman, então, preocupou-se em descrever as tarefas das quais a tradutologia deveria se ocupar. Recortamos, para esta pesquisa, duas tarefas que norteiam a reflexão deste trabalho.

A *terceira tarefa* tem como objetivo estudar a história com base em todos os pontos de vista ao longo das épocas e, ao fazer esse estudo, não se limitar à forma como a tradução deve ser abordada, pois cada tradução tem uma temporalidade própria. Baseado nessa mesma questão da historicidade e temporalidade da tradução, Delisle faz a seguinte observação:

Esse fenômeno pode ser abordado de diversos pontos de vista: teórico, comparativo, cultural, literário, sociológico... Mas qualquer que seja o ângulo adotado para abordá-la, a história da tradução não pode ser escrita independentemente da história dos impérios, das culturas, das religiões, das literaturas, das ciências ou das relações comerciais ( DELISLE, 2002, p. 12).

A *quinta tarefa* tem como objetivo “desenvolver uma reflexão *sobre o tradutor*, pois podemos dizer que se trata de um grande esquecido de todos os discursos sobre a tradução” (BERMAN, 2009, p. 350). Observando esse fragmento, percebemos que Berman retoma um assunto de grande relevância dentro dos estudos da tradução: a invisibilidade; e é nesse tema tão importante que a pesquisa deste trabalho está pautada.

#### 4. INVISIBILIDADE DO TRADUTOR

O estorvo a respeito da tradução está presente nos pensamentos de muitos autores. Paulo Rónai (1981) faz menção a Dryden, o tradutor da Eneida, de Virgílio, que se queixa da forma como ele e seus amigos são tratados:

Pois somos escravos e trabalhamos na lavoura de outrem; lavramos a vinha, mas o vinho pertence ao proprietário; se às vezes o solo é maninho, podemos estar certos de sermos castigados; se é fértil e o nosso trabalho dá resultado, não nos agradecem, pois o leitor dirá: o pobre escravo cumpriu seu dever (DRYDEN, apud Rónai, 1981, p.21).

O desgarrado desse depoimento mostra o caminho repleto de armadilhas que o tradutor enfrenta: a infelicidade de não ser reconhecido quando executa bem seu trabalho e o julgamento que sofre quando erra na sua tarefa.

O tradutor literário, teórico e professor Lawrence Venuti (1992, 1995, 2002) se debruçou a estudar sobre a invisibilidade ao longo de sua obra. Venuti aborda que a história das traduções anglo-americanas se baseia em teorias que privilegiam as práticas de fluência, isso faz com que os textos não pareçam traduções, provocando assim a invisibilidade do tradutor.

Segundo Venuti, a preferência por essa forma de traduzir não só tem como consequência a invisibilidade, como também atenua as diferenças linguísticas e culturais, e exige que se use da estratégia de domesticação, submetendo-se, assim, à cultura receptora e desrespeitando as diferenças linguísticas e culturais da cultura estrangeira.

Partindo disso, o teórico convoca os tradutores a abandonarem as práticas de fluência e ao exercício de uma tradução resistente, em que os neologismos, variações das formas linguísticas mais familiares e de dialetos não padrão estariam presentes com o objetivo de deixar evidente a presença do tradutor, eliminando, então, o efeito ilusionista do leitor de acreditar que está lendo o texto “original”.

Tendo em vista que as estratégias de tradução de resistência eliminam o efeito ilusionista de transparência no texto traduzido, sua implementação carrega outras consequências, igualmente políticas. Por um lado, estas estratégias podem ajudar a tornar visível o trabalho do tradutor, convida a um reconhecimento crítico da sua função político-cultural e uma reavaliação do status inferior que atualmente atribui a legislação, a educação e o campo editorial. Por outro lado, as estratégias de resistência podem ajudar a preservar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro mediante a produção de traduções que sejam estranhas e provoquem uma sensação de estranhamento, que indiquem os limites dos valores dominantes na cultura da língua meta e ponha obstáculos a domesticação imperialista de outra cultura que esses valores estipulam<sup>4</sup> (VENUTI, 1992, p. 12, Apud Wilson, p. 90).

O objetivo do teórico era criar uma prática de tradução que pudesse resistir à cultura receptora não somente para tornar visível o trabalho do tradutor, mas para provocar um reconhecimento da função político-cultural e reavaliar a posição inferior atribuída por diversos meios a esse agente.

Já Chesterman (2014) fala sobre o surgimento de uma nova área que sugere que se denomine Estudos do Tradutor (TranslaTOR Studies). Propõe, então, incluir os estudos do tradutor nas perspectivas cultural, conectiva e sociológica. Quanto a esse campo, menciona que “todas as pesquisas relacionadas às traduções não-automáticas devem demonstrar que há tradutores por trás das traduções, pessoas por trás de textos” (CHESTERMAN, 2014, p. 34).

Dessa forma, estaria tentando quitar a dívida deixada pelo fundador dos Estudos da Tradução, James Holmes, no seu seminal texto de 1972. É curioso que justamente Holmes,

---

<sup>4</sup> Dado que las estrategias de traducción de resistencia eliminan el efecto ilusionista de transparencia en el texto traducido, su implementación conlleva otras consecuencias, igualmente políticas. Por un lado, estas estrategias pueden ayudar a tornar visible el trabajo del traductor, invitan a un reconocimiento crítico de su función político-cultural y a una reevaluación del estatus inferior que actualmente se le asigna en la legislación, la educación y el campo editorial. Por otro lado, las estrategias de resistencia pueden ayudar a preservar la diferencia lingüística y cultural del texto extranjero mediante la producción de traducciones que sean extrañas y provoquen una sensación de extrañamiento, que señalen los límites de los valores dominantes en la cultura de la lengua meta y obstaculicen la domesticación imperialista de un otro cultural que estos valores estipulan (VENUTI, 1992, p. 12, Apud Wilson, p. 90).

que era tradutor, tenha se esquecido da necessidade de incluir nos Estudos da Tradução o próprio tradutor.

Berman (2009), além de propor na *quinta tarefa* da tradutologia uma *análitica do tradutor*, que considera praticamente inexistente, sugere no seu livro *Pour une critique de traductions: John Donne* fazer um estudo que tenha como objetivo conhecer quem são os tradutores.

Nos importa saber se ele é francês ou estrangeiro, se ele é "só" tradutor ou se ele exerce uma outra profissão significativa, como a de professor [...]; nós queremos saber se ele também é autor e produziu obras; de que(ais) língua(s) ele traduz, qual(is) relação(ões) ele mantém com elas; se ele é bilíngue, e de que tipo; quais gêneros de obra normalmente ele traduz, e que outras obras ele traduziu; se ele é polítradutor (caso mais frequente) ou monotradutor (como Claire Cayron); nós queremos saber quais são, então, seus domínios linguísticos e literários; nós queremos saber se ele fez a tradução no sentido indicado acima e quais são suas principais traduções; se ele escreveu artigos, estudos, teses, trabalhos sobre as obras que traduziu; e, finalmente, se ele escreveu sobre a *sua* prática de tradutor, sobre os princípios que a guiam, sobre suas traduções e sobre tradução no geral (BERMAN, 1995, p. 74-75, tradução de Júlia Mendes e Alba Escalante).

Estabelecido o panorama, precisamos ressaltar que, em alguns períodos, a invisibilidade foi e pode ser assumida por alguns tradutores com vistas a atingir um objetivo específico<sup>5</sup>, por exemplo, protestar contra um grupo que detém poder. Não estamos questionando a atitude desses profissionais, nosso objetivo é tirar dos bastidores este agente tão importante para a transmissão do conhecimento, que é invisível porque não é reconhecido como tradutor e não porque o meio o obriga, de certa forma, a fazê-lo.

Considerando que não é possível catalogar todos os livros existentes para estudarmos sobre a invisibilidade do tradutor, decidimos recortar para os tradutores de textos psicanalíticos, mas antes falaremos da articulação entre os dois campos.

## 5. TRADUÇÃO E PSICANÁLISE

A tradução e a psicanálise são áreas correlatas quando consideramos o caráter nômade dos Estudos da Tradução, que possibilita a articulação com outras áreas e subáreas do conhecimento (PAGANO e VASCONCELLOS, 2003). Antoine Berman também faz essa relação ao afirmar que o campo é vasto e sempre haverá um avanço no conhecimento ao relacionarmos a tradução com outros campos de pesquisa.

Existe na teoria da tradução um campo de pesquisa frutífero, desde que exceda o quadro demasiadamente estreito da transtextualidade e seja vinculado aos trabalhos sobre as línguas e as culturas em geral. Um campo multidisciplinar no qual **os tradutores poderão, frutuamente, trabalhar**

<sup>5</sup> Delisle (2002) faz essa observação no seu trabalho e achamos de bom tom colocá-la.

com os escritores, os teóricos literários, os **psicanalistas e os linguistas** (BERMAN, 1984, p. 24, grifo e tradução nossos).<sup>6</sup>

Além de propor que a tradução converse com outras áreas, Berman (2009) menciona que havia, no século 20, dois discursos apaixonados pela tradução. Um deles é o da psicanálise. O autor aborda que esse discurso está duplamente relacionado à tradução: primeiro, porque tem relação com o texto fundador, o de Freud; segundo, por causa da utilização da palavra *Übertragung*, já que Freud usou como forma de tradução, em alguns momentos, a palavra transferência, que significa tradução em alemão.

O teórico Antoine Berman, mais uma vez, relaciona os dois campos, ao se apropriar do conceito freudiano de “inconsciente” para trabalhar as tendências deformadoras e propor uma analítica da tradução com base nas teorias da psicanálise.

Como já mencionamos, o tradutor não é reconhecido pelo seu trabalho, mas, se revisarmos a história, veremos que muitas das coisas que conhecemos chegam até nós através de traduções. Podemos, hoje, importar conhecimento, mas muito do que sabemos vem traduzido. A psicanálise não escapa a essa regra, pois chegou à América Latina através de traduções. Para Escalante (2017, p. 14), “se o campo da psicanálise são os seus textos e se esses textos chegam à América Latina por meio de traduções [...], devemos nos dedicar a examinar como isso chega; mais ainda, devemos nos interrogar sobre os efeitos da sua recepção (tradução nossa)”<sup>7</sup>.

Não só o incentivo proposto pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud, mas também a invenção do seu conceito revolucionário do inconsciente, obtido por meio da análise e manifestado em forma de linguagem, dão margem à relação da tradução com a psicanálise, pois, ao falarmos de tradução, interpretação e análise, fala-se de linguagem.

Há um interesse cada vez mais amplo sobre a tradução de Freud. Setenta anos após sua morte, em 2010, quando sua obra entrou em domínio público, mais traduções surgiram, dando a possibilidade de as pessoas escolherem qual tradução querem ler.

Costa (2012) menciona que na época houve ainda um crescimento da área de estudos da tradução. Para corroborar isso, o autor compara os dados apresentados por Cunha em 2002, que apresentam algumas subáreas temáticas da tradução, com um encontro de tradutores que

---

<sup>6</sup> Il y a là pour la théorie de la traduction un champ de recherches fécond, à condition qu’il dépasse le cadre trop étroit de la transtextualité et soit relié aux travaux sur les langues et les cultures en général. Un champ pluridisciplinaire dans lequel les traducteurs pourront fructueusement travailler avec les écrivains, les théoriciens de la littérature, les psychanalystes et les linguistes (BERMAN, 1984, p. 24).

<sup>7</sup> Si el campo del psicoanálisis son sus textos, y si estos llegan a Latinoamérica vía traducción, entonces, debemos ocuparnos de escudriñar cómo esto nos llega; más aún, debemos interrogarnos sobre los efectos de su recepción (ESCALANTE, 2017, p. 14).

aconteceu em 2009 em Minas Gerais, o qual mostra um aumento de 100% em relação aos dados de Cunha (2002). Dentre estas subáreas, estão a de tradução e psicanálise. Provavelmente, a pesquisa que relaciona os dois campos tenha crescido com a entrada da obra de Freud em domínio público.

Assim, dentro deste cenário e inspirando-nos nos sites Escritos Avulsos e DITRA<sup>8</sup>, decidimos reunir os tradutores entorno de uma figura fundamental para a psicanálise contemporânea. Trata-se de Jacques Lacan (13 de abril de 1901 — 9 de setembro de 1981), psicanalista francês que levou a psicanálise a um diálogo com diversos campos da ciência moderna: linguística, lógica, topologia e antifilosofia (LACAN, 2003, p. 316-318).

## 5.1 Sejam lacanianos se quiserem, eu sou Freudiano<sup>9</sup>

A verdade é sempre incômoda e a psicanálise nos mostra o que queríamos ignorar. Quanto mais nos aproximamos da nossa verdade, mais vontade temos de ignorá-la.

Jacques Marie Émile Lacan nasceu em Paris em 1901. Pertencia a uma família católica de classe média. Começou seus estudos na área da medicina e se especializou em psiquiatria. Em 1932, Lacan apresentou sua tese de doutorado, *La psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, que fala sobre o caso Aimée. Com essa apresentação, Lacan queria mostrar que um caso aprofundado era melhor que uma quantidade grande de casos, como era o costume da época. Ele dizia que a quantidade revelava algo sobre a doença e não sobre o sujeito. Através da sua tese, Lacan demonstrou interesse pela psicanálise.

Em 1964, Lacan fundou a *Escola Freudiana* e, dezesseis anos depois, fechou-a. Em 1980, fundou outra instituição: A Escola da Causa Freudiana. Nessa época, muitos acreditavam na sua insanidade (MELO, 2007, p. 15).

Lacan rompeu com os padrões da IPA (International Psychoanalytical Association). As sessões de tempo variável chamaram a atenção dos psicanalistas ortodoxos, que viram na sua proposta uma ameaça ao cânone estabelecido. Nas suas sessões, focava em conhecer as singularidades dos seus analisando e não em classificá-los em quadro definidos. Segundo um dos seus pacientes, todas as palavras pronunciadas no consultório, mesmo as situações do

<sup>8</sup> <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>

<sup>9</sup> Frase dita pelo próprio Lacan no documentário *Encontro com Lacan, 2012*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-OtbFaZjmw&t=2762s>. Toda essa seção foi escrita com base nesse documentário.

cotidiano, tinham um peso importante. Por causa da atenção que Lacan lhes dava, tudo se tornava objeto de análise.

Como leitor voraz de Sigmund Freud, Lacan era também um profundo conhecedor da obra do precursor da psicanálise. Reformulou, então, vários conceitos freudianos, inclusive o de *inconsciente*, baseado no estruturalismo e na linguística. Lacan supôs que a existência do inconsciente se dava através da linguagem e isso somente poderia existir no sujeito falante. Seus estudos sobre linguística, principalmente de Saussure, contribuíram, também, para a estrutura do Simbólico.

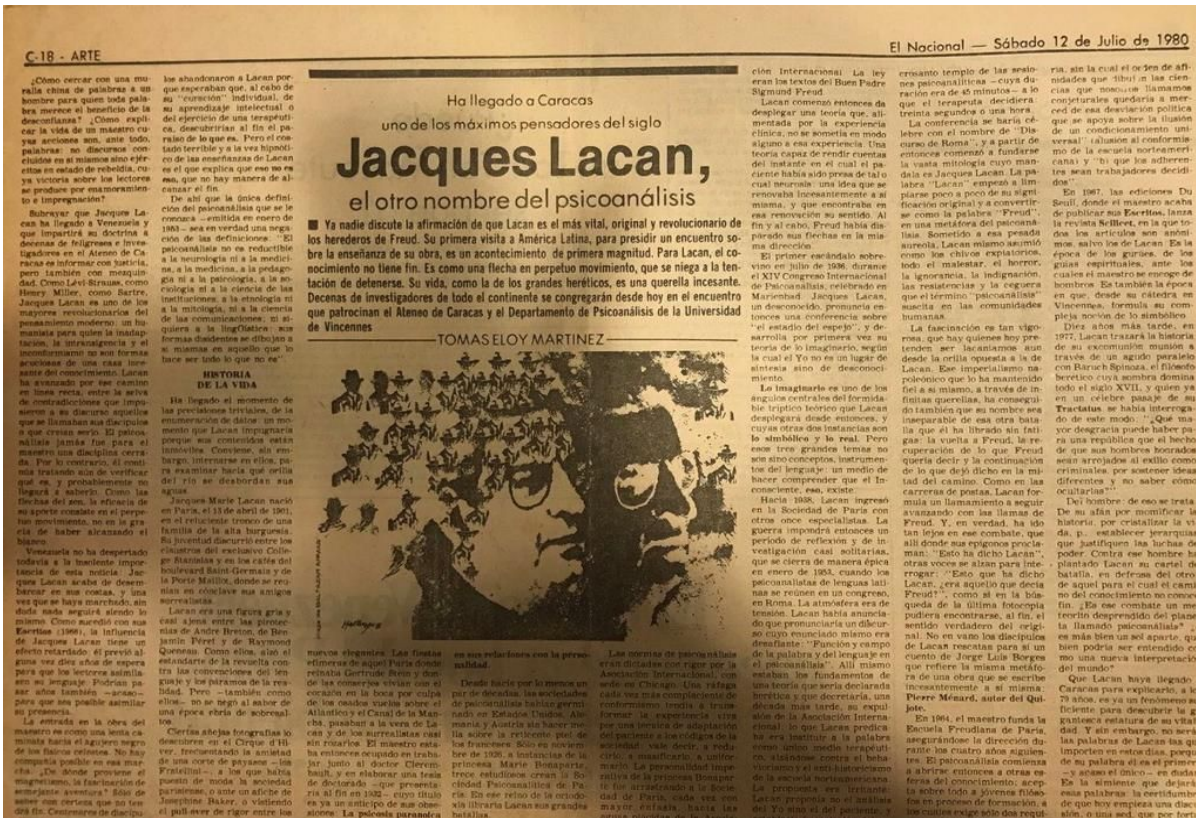
O objetivo de Lacan quanto à psicanálise era de “formalizá-la” (MELO, 2007, p. 60). Por isso, apoiou-se em outros campos do conhecimento para se fazer entender. Apesar de não ter uma boa aceitação na época, Lacan contribuiu muito para a disseminação da psicanálise.

Se Lacan não teve uma grande aceitação por suas ideias nos meios acadêmicos ou científicos, ele conseguiu colocar a psicanálise em evidência e associá-la a questões de diferentes meios de conhecimento: linguística, antropologia, matemática e educação (MELO, 2007, p. 35).

O cânone de leitura, permeado pelas traduções, apresenta a obra de Jacques Lacan como um retorno a Sigmund Freud. Mas em que consiste esse retorno? Como as traduções apresentam esse problema para a psicanálise? Em que sentido o silenciamento de algumas questões relacionadas com a tradução permeiam esses problemas? Levantamos esses questionamentos, mas não será aqui que ofereceremos respostas definitivas.

Em 1980, Lacan viajou pela primeira vez para Caracas, capital da Venezuela, para se encontrar com as pessoas que lá estavam estudando a sua proposta. Ele os chamou de “lacanoamericanos”. No sábado 2 de julho de 1980, o jornal *El Nacional*, no que reconhecemos como página cultural, apareceu com o seguinte título, em tradução nossa: *Chegou a Caracas um dos maiores pensadores do século: Jacques Lacan*. Também apareceu a seguinte informação: *O outro nome da psicanálise*. Voltemos, então, à ideia de retorno. Lacan, na sua proposta para a psicanálise, não apenas tentou desvendar alguns mal entendidos sobre o que Freud tinha apresentado para o campo, mas também renovou e subverteu, muitas das propostas freudianas. Nessa visita, ele teria proferido a frase que encabeça esta seção: “sejam lacanianos se quiserem, eu sou freudiano”. Ser freudiano, para Lacan, supõe seguir com rigor a proposta de Freud para apresentar críticas e, também, como se espera de um campo em desenvolvimento, fazer novas propostas. O destino dessas propostas, e é isso o que queremos sublinhar neste trabalho, não pode ser pensado de costas à tradução.

# Imagem 1 - Jacques Lacan chega a Caracas



Fonte: imagem retirada do Jornal *El Nacional*, da Venezuela.

## 5.1.1 Sua Obra

Os anos 1960 foram um marco na vida de Lacan. Seus seminários, que eram para vinte pessoas, passaram a ser escutados por dezenas. Isso resultou em uma vasta e complexa obra. A dificuldade de definir o que de fato é obra de Lacan acontece porque é formada por uma parte escrita, publicada e outra, a partir da transcrição das suas aulas, que foram gravadas.

Na década de 1960, não havia textos lacanianos que fossem de fácil acesso. Isso mudou com Françoise Wahl, analisante de Lacan entre os anos 1954 e 1960. Em 1963, Wahl sugeriu que Lacan publicasse o seu trabalho. Em 1964, Lacan passou a trabalhar com a editora *Edition de Seuil*, com o poder de decidir o que seria ou não publicado. No inverno de 1965, Lacan juntamente com o seu editor Wahl selecionaram o compilado de textos, mas foi só em 1966 que o livro denominado *Écrits* surgiu. Esse “título foi escolhido por Lacan para distinguir a obra escrita da obra falada” (RAMOS REUILLARD, 2011, p. 395).

Já os seminários de Lacan, alguns foram publicados em vida e outros após a sua morte, os quais geram muita confusão porque se tratavam de aulas ministradas por Lacan que,



a partir de 1969, foram gravadas e, também, havia as anotações dos participantes. Nesse período, podemos dizer que existiam várias versões de um mesmo seminário em circulação.

Em 1972, Lacan tornou o seu genro, Jacques Alain Miller, responsável pela publicação de seus seminários, de forma que somente o que fosse publicado com o consentimento de Miller seria legal.

Quanto à problemática envolvendo as traduções da obra de Lacan, falaremos adiante como se deu o seu processo nos países de língua espanhola e o compararemos com o Brasil.

### 5.1.2 Lacan e a tradução

A tradução para Lacan não era estranha. Em sua obra, por vezes, aparece comentando as traduções que foram feitas das obras de Freud para o francês e outras línguas, e, até mesmo, a escolha que fizeram para alguns termos freudianos. Em alguns momentos, comenta, ainda, traduções de textos diversos, que não são de Sigmund Freud.

Victoria Chaud<sup>10</sup> (2020) trabalhou com um corpus dos seminários de Jacques Lacan em busca das vezes que o autor escreveu ou falou a palavra tradução. Através dos resultados, sete categorias foram criadas: I. Lacan comentador de traduções de Freud, II. Lacan comentador de traduções (textos diversos que não fossem somente de Freud), III. Teorização (quando aparecia vinculando a tradução com a psicanálise ou teorias da tradução), IV. Metafórico (uso da palavra em sentido metafórico), V. Combinação das anteriores (apresenta elementos existentes em mais de uma categoria), VI. Casos duvidosos (não foi possível colocar em uma das categorias) e VII. Casos excluídos (não de acordo com os objetivos da pesquisa).

Através do corpus, por exemplo, localizamos o comentário feito por Lacan sobre a tradução francesa de *A interpretação dos sonhos* de Freud. Ele faz uma comparação com a edição em alemão e comenta: “como sucede com todos os textos reunidos nesta obra, não podemos dizer que a tradução nos satisfaça inteiramente. Há imprecisões singulares que beiram a impropriedade (tradução nossa)”<sup>11</sup>.

Além do comentário que mencionamos, há muitos outros. Citamos essa pesquisa porque, com sua catalogação, Chaud corrobora o que já mencionamos anteriormente: Lacan não era alheio à tradução; pelo contrário, ele a conhecia, inclusive era um comentarista de traduções.

---

<sup>10</sup> Minha companheira no grupo de pesquisa, este ano, também apresentará o seu Trabalho de Conclusão de Curso. Para escrever esse trecho que relaciona diretamente Lacan e a Tradução, usei da sua excelente pesquisa.

<sup>11</sup> Como sucede con todos los textos reunidos en esta obra, no podemos decir que la traducción nos satisfaga enteramente. Hay singulares, que bordean los límites de la impropiedad (LACAN, 1954, p.46).



## 6. OBJETIVO DA PESQUISA

Até aqui apresentamos a área da tradução e sua importância, ilustrando-a com a tradução da Bíblia; mencionamos a tradutologia de Antoine Berman e os teóricos que se debruçaram em um dos temas vigentes dentro dos Estudos da Tradução, que é a invisibilidade do tradutor; articulamos a tradução com a psicanálise; apresentamos o psicanalista Jacques Lacan, sua obra e sua relação com a tradução para, através disso, alcançarmos os objetivos desta pesquisa, que são estes:

- **Objetivo Geral**

Tratar a invisibilidade do tradutor de textos psicanalíticos, notadamente no que se refere às traduções da obra de Jacques Lacan para a língua espanhola.

- **Objetivos Específicos**

Discorrer sobre o tema da invisibilidade do tradutor.

Levantar informações sobre a obra de Jacques Lacan.

Mapear as traduções e os tradutores de Jacques Lacan em língua espanhola.

## 7. METODOLOGIA DO TRABALHO

Para alcançar os objetivos deste estudo, fizemos uma pesquisa bibliográfica documental com vistas a uma análise qualitativa dos dados, buscando as informações relevantes que poderiam ser adicionadas a esta pesquisa e não uma análise quantitativa, considerando que o objetivo não consiste em provar nenhuma tese, mas trazer informações dos tradutores para discutirmos a questão da invisibilidade.

Estabelecemos os critérios de análise que nos permitiriam chegar ao nosso objeto de estudo: o tradutor. Para isso, escolhemos uma área do conhecimento, a psicanálise; um autor específico, Jacques Lacan; e coletamos os dados de sua obra para análise. Esse primeiro recorte foi feito porque não era possível catalogar todas as obras e autores existentes para usar como objeto de pesquisa. A consulta às fontes primárias, que chamaremos “obra de Lacan”, permitiu-nos identificar outro problema na nossa proposta inicial: a obra de Lacan é vasta, encontra-se espalhada em diversas fontes. Assim, em lugar de pensar o sintagma “obra de Lacan”, decidimos restringir o corpus aos Seminários proferidos de 1952-1978, os chamados *Écrits* e a coletânea dos *Autres écrits* com a finalidade de permitir dados concisos para a análise.

Por considerar a restrição ao chamado estabelecimento (MILLER, 1999) bastante incompleta, optou-se por acatar não somente as traduções oficiais – publicadas pelas editoras autorizadas. Assim, também foram consideradas as traduções que Escalante (2015) apresenta como oficiosas – feitas por outros tradutores, por motivos diversos. Partindo desse primeiro critério, iniciaram-se as buscas.

Indicamos, na seguinte tabela, as fontes de pesquisa:

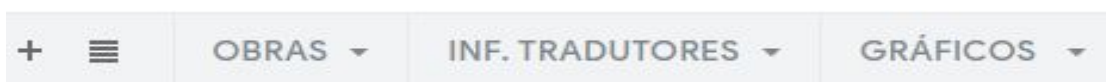
**Quadro 1 - As fontes de pesquisa**

Francês	Espanhol
I. Os chamados <i>Écrits</i> editados pela <i>Éditions du Seuil</i>	I. As traduções dos <i>Escritos</i> feitas pela editora <i>Siglo XXI</i>
II. As transcrições feitas pelo site <i>Starfela</i>	II. As traduções oficiais dos Seminários feitas por pela editora <i>Paidós</i>
III. A compilação realizada pela <i>Ecole lacaniene de psychanalyse</i> sob a denominação de <i>pas tout Lacan</i>	III. As traduções da <i>Escuela Freudiana de Buenos Aires</i> feitas por Ricardo E. Rodríguez Pontes para circulação interna.

Fonte: elaborado por BARBOSA, M. L.

As informações coletadas foram organizadas em um documento Excel. Esse recurso permitiu a elaboração de uma planilha para catalogar todas as informações que encontramos. Essa planilha está dividida em três guias: na primeira, encontram-se informações a respeito das obras originais e das obras traduzidas; na segunda, encontram-se as informações a respeito dos tradutores; por fim, na última, encontram-se os gráficos que têm como objetivo facilitar a visualização dos dados. Esse detalhado processo nos permitiu localizar os tradutores e esboçar seus perfis.

**Quadro 2 - As divisões da planilha<sup>12</sup>**



Fonte: elaborado por BARBOSA, M. L.

Na primeira guia da planilha estão as informações sobre as obras originais e suas traduções ao espanhol. O cabeçalho indica as informações que consideramos importantes para a análise. Na parte em que o tom é mais escuro, tem-se as informações editoriais das obras

<sup>12</sup> Planilha on-line para todos aqueles que tenham interesse na pesquisa, disponível em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1szSyGttkgxcd1KWMVrY\\_J5YoAGUxdZAv29dDXIyHqM/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1szSyGttkgxcd1KWMVrY_J5YoAGUxdZAv29dDXIyHqM/edit?usp=sharing)

originais. Na parte em que o tom é mais claro, tem-se as informações editoriais das obras traduzidas.

### Quadro 3 - Informações sobre as obras originais e suas traduções ao espanhol

COMPILAÇÃO DOS TRADUTORES DE JACQUES LACAN PARA O ESPANHOL												
INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS			INFORMAÇÕES EDITORIAIS DA OBRAS TRADUZIDAS									
TÍTULO	FONTE	ANO DA PUBLICAÇÃO	TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS

Fonte: elaborado por BARBOSA, M. L.

#### Informações das Obras Originais:

- I. Título: refere-se ao título em francês;
- II. Fonte: local em que encontramos a obra (editora, site, instituição);
- III. Ano da publicação: ano da publicação das edições.

#### Informações das Obras Traduzidas:

- I. Título: refere-se ao título escolhido na tradução;
- II. Fonte: local em que encontramos a obra (editora, site, instituição);
- III. Ano da publicação: ano da publicação das edições;
- IV. Edições: refere-se ao ano que teve publicações e edições da mesma tradução;
- V. Local de publicação: refere-se ao local em que a editora se localiza, ou a instituição responsável se encontra.
- VI. Tradutor (es): refere-se à informação de quem são os tradutores dos livros, seus nomes e sobrenomes;
- VII. Revisor (es): refere-se à informação de quem são os revisores dos livros, seus nomes e sobrenomes;
- VIII. Editor (es): refere-se à informação de quem foi o editor da obra;
- IX. Paratexto Tradução: refere-se à presença ou ausência de paratextos dos tradutores ou da tradução;
- X. Paratexto Revisor/outros: refere-se à presença ou ausência de paratextos dos revisores, editores ou outros.

Posterior a essa guia da planilha, que nos permitiu uma primeira indicação sobre os tradutores, foi ideada outra tabela para organizar informações mais específicas a respeito dos tradutores. Os dados foram obtidos por meio dos paratextos de traduções, sites, fontes

documentais, bibliográficas e entrevistas. Os critérios para definir os dados que permitiriam conhecer e traçar o perfil dos tradutores estão sustentados pela proposta do Berman (1995).

Não esquecendo a abrangência das questões levantadas, fez-se uma síntese de todas essas perguntas, que permitiu chegar à seguinte tabela:

#### Quadro 4 - Informações sobre os tradutores

OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN							
NOME	NACIONALIDADE	GEOGRAFIAS	LÍNGUAS	OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO	TIPOS DE PRODUÇÕES	QUANTIDADE DE OBRAS DE JACQUES LACAN QUE TRADUZIU	PRODUÇÕES QUE REFEREM O TRABALHO COMO TRADUTOR/A

**Fonte:** elaborado por BARBOSA, M. L.

- I. Nome: refere-se ao nome do tradutor;
- II. Nacionalidade: refere-se ao local em que nasceu (País/Região);
- III. Geografias: informações sobre exílios, naturalização, residência ou longas temporadas em países diferentes do seu país de nascimento (País/Região);
- IV. Línguas: refere-se ao idioma do seu país de nascimento e das outras geografias;
- V. Ocupação: refere-se à profissão ou ofício que o tradutor exerce (ex: psicanalista, escritor, outros);
- VI. Tipos de produções: refere-se às produções feitas pelo tradutor, além da atividade da tradução (ex: autor de livros ou peça de teatro);
- VII. Quantidade de obras de Jacques Lacan que traduziu: refere-se a quantas vezes aparece mencionado como tradutor dos livros de Jacques Lacan;
- VIII. Produções referidas ao trabalho como tradutor/a: refere-se às produções nas quais há alguma menção, comentário ou sinalização de que o tradutor ou a tradutora fala da sua experiência em tradução.

Para facilitar a visualização e análise dos dados, elaboramos, a partir das informações encontradas, alguns gráficos ilustrativos, que apresentaremos posteriormente.

## 8. ANÁLISE DOS DADOS

Embora todos os elementos de objeto de análise deste trabalho estejam em inter-relação, para fins de apresentação faremos uma separação, visando a clarificar a forma em que todos estarão dispostos: primeiramente, apresentaremos a constituição do corpus em francês; posteriormente, apresentaremos a constituição do corpus das traduções; e, por fim, falaremos a respeito dos tradutores de Jacques Lacan.

Em francês, o corpus está constituído de 27 seminários segundo o ordenamento de *Staferla e École Lacanienne de psychanalyse; Écrits I, Écrits II e Autres Écrits* da *Éditions du Seuil*. Logo, o corpus em francês dispõe de 30 obras. Na planilha em anexo há, também, os seminários que foram publicados por Seuil, mas para esta análise preferimos a proposta de *Staferla e École Lacanienne* por ser mais completa.

Em espanhol, o corpus está constituído de 24 traduções de obras diferentes, e 31 obras no total, contando os sete seminários que tiveram duas traduções. Do total de 31 traduções, 19 são oficiais, pertencentes ao chamado estabelecimento (MILLER, 1999), e 12 são oficiosas (ESCALANTE, 2015), traduções feitas para uso interno das instituições psicanalíticas e demais interessados.

A compilação das obras em francês e das respectivas traduções existentes na língua espanhola possibilitou encontrarmos o objeto principal de análise desta pesquisa: os tradutores. Dispondo de uma análise acerca dos dados encontrados em francês, suas traduções para o espanhol, e fazendo uma comparação com as traduções da obra de Lacan para o português, trabalho de Vivian Padilha (2019), cuja pesquisa ocorreu em sincronia com este trabalho, falaremos sobre as traduções e, posteriormente, sobre os tradutores.

### **8.1 Todas as Traduções do Corpus**

Uma análise inicial dos paratextos mostra que as traduções oficiais apresentam, na folha de rosto, o país em que foram publicadas. Nas oficiosas, subentende-se qual o país, levando em consideração o local e a finalidade para qual foram feitas: *Escuela Freudiana de Buenos Aires* por Ricardo Rodríguez Ponte para circulação interna. Do total de 31 traduções, 29 envolvem o território argentino, que são todos os *Seminários* traduzidos catalogados e *Otros Escritos*, contadas as versões oficiais e as oficiosas. As outras duas traduções são dos *Escritos I e II*, e foram publicadas no México. Do ponto de vista editorial, esta edição, que detalharemos a seguir, apresenta como aspecto chamativo o fato de estar publicada em dois volumes, ao passo que, em francês e nas traduções em português, aparecem em um volume só.

### **8.2 Acerca dos Escritos**

O imigrante espanhol e poeta Armando Suárez, que se estabeleceu em terras mexicanas, foi quem teve a iniciativa de fazer a tradução do compilado de textos selecionados e lançado pelo próprio Lacan em 1966, sob a denominação de *Écrits*. Suárez convidou Tomás

Segovia, um escritor, tradutor e professor naturalizado mexicano, após se exilar no país em decorrência da guerra civil espanhola, para traduzir os *Écrits* sob sua supervisão. Dizia Suárez “que para traduzir a Lacan, não o deve fazer um psicanalista e, sim, um escritor (tradução nossa).”<sup>13</sup>

Em 1971, surgiu a primeira tradução em espanhol dos Escritos realizada por Tomás Segovia, com o subtítulo “*Lectura Estructuralista de Freud*” agregado à tradução pelo editor. Essa tradução continha somente uma parte da compilação de *Ecrits* e a Lacan não agradou esta versão, o qual de imediato mandou que fosse recolhida. Ao saber do acontecido, Armando Suárez, com a autorização de Tomás Segovia, traduziu os Escritos e fez várias correções. Escalante (2017) apresenta que, em 1975, surgiu a segunda versão do livro sem a participação de Segovia. Já Velasco García e Pantoja Palmeros (2013) mencionam que a segunda versão surgiu no final da década de 1970.

Em 1984, uma nova tradução dos Escritos foi corrigida e, a ela, foram adicionados alguns textos traduzidos por Armando Suárez que outrora não constavam nas primeiras versões. Suárez fez a revisão junto com outro psicanalista argentino, Juan David Nasio e, pelo que consta na folha de rosto dos Escritos, Lacan participou da revisão. Essa tradução contém no início duas notas: uma de Armando Suárez, falando sobre as mudanças e elogiando o trabalho de Segovia; e a outra de Tomás Segovia, falando de alguns conflitos que teve com Lacan acerca da tradução.

O psicanalista argentino Marcelo Pasternac (2000) fez uma revisão minuciosa da tradução dos Escritos que resultou na escrita de um livro: *1236 errores, erratas omisiones y discrepancias en los escritos de Lacan en español*. Em 2009, surgiu a terceira edição, novamente corrigida e com a inclusão de um novo parágrafo, ausente na edição de 1984, como pontuava Pasternac em seu livro. Para Escalante (2017), a explicação para tais modificações é que foram feitas baseadas no trabalho de Pasternac; porém, nenhuma das mudanças foi apresentada com os devidos créditos.

Com relação à tradução em português, encontramos divergências de informações. Escalante (2017) data a primeira versão da tradução dos Escritos em 1976, feita por Inês Oseki-Dépré, em que consta uma compilação parcial da obra original. Essa edição foi feita pela editora Perspectiva. Já Padilha (2019) apresenta que a edição feita por Oseki-Dépré foi publicada em 2003. Entendemos que a divergência se deve a Padilha ter colocado a data da edição consultada. Outro ponto de divergência entre as autoras é a questão de Escalante

---

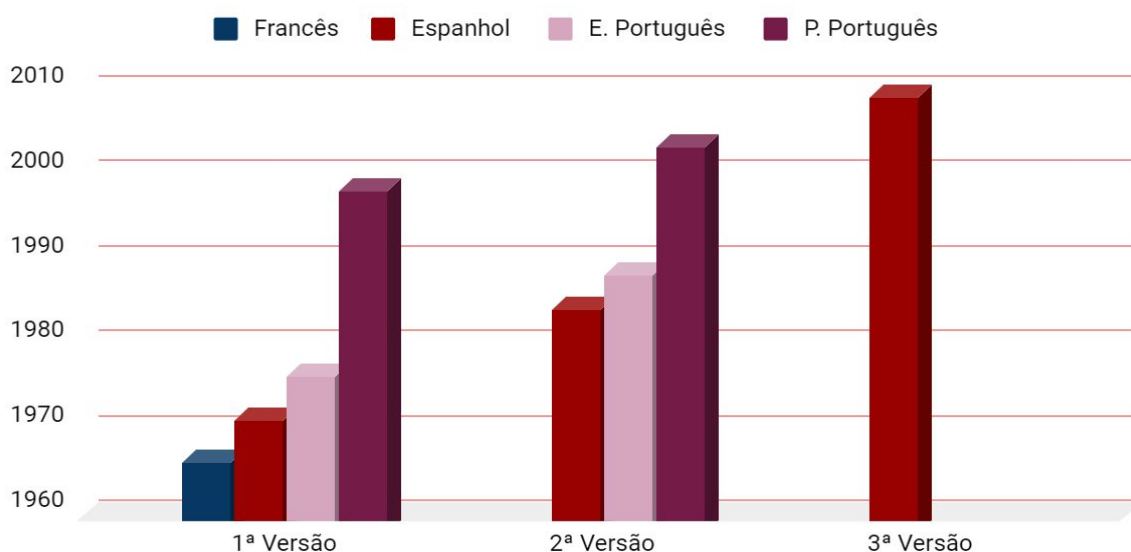
<sup>13</sup> [...] que para traducir a Lacan, no lo debe traducir un psicoanalista, sino un escritor (VELASCO GARCÍA e PANTOJA PALMEROS, 2013, p. 1067).

apresentar que, em 1988, a Jorge Zahar Editor publicou uma nova versão dos Escritos feita por Vera Ribeiro e Padilha nos apresentar que esta tradução foi feita em 1998. Realmente a primeira edição da editora Zahar é de 1998, tal como colocou Padilha. A imprecisão de Escalante provavelmente se deve a um erro de digitação.

Mesmo com as divergências encontradas, podemos observar que as traduções em espanhol surgiram antes das traduções em português. Por exemplo, em 1971 surgiu a primeira versão em espanhol, cinco anos após a publicação em francês. Já em português, baseando-nos nas datas apresentadas por Escalante, observa-se que em 1976 surgiu a primeira versão, dez anos depois da publicação da obra em francês. Como já mencionado acima, a primeira tradução de Tomás Segovia continha somente uma parte dos Escritos. Alba Escalante (2017) aponta que a primeira tradução de Inês Oseki-Dépré em português também apresentava apenas uma parte da obra em francês.

A tradução em espanhol é dividida em dois livros, a saber: Escritos I e Escritos II; a tradução em português é apresentada em um único volume, ou seja, segue o padrão da edição francesa. Sobre a tradução brasileira, se comparada com a edição em espanhol, não parece haver tido maiores problemas. A respeito, Escalante observa: “Podemos pensar que os impasses da tradução em espanhol serviram para produzir no país vizinho uma tradução menos problemática (ESCALANTE 2017, p. 248, tradução nossa).”<sup>14</sup>

**Gráfico 1 - Publicação em Francês e Suas Respectivas Traduções Para Espanhol e Português**



**Fonte:** elaborado por BARBOSA, M. L.

<sup>14</sup> Podríamos pensar que los impases de la traducción castellana han servido para producir, en el vecino país, una traducción menos problemática (ESCALANTE, 2017, p. 248).

O gráfico acima permite-nos visualizar de forma mais clara a distância de períodos consideráveis da data de publicação às edições de traduções dos *Écrits*. A compilação dos dados para este trabalho possibilitou-nos perceber algumas dificuldades de padronização das informações no campo editorial. Desta forma, optamos por colocar no gráfico as datas apresentadas por Escalante (2017) e aquelas apresentadas por Padilha (2019) como referências das traduções em português.

### 8.3 Acerca dos Seminários

Encontramos seis seminários que foram transcritos em francês, mas que não possuem nem traduções oficiais, nem oficiosas para o espanhol. São eles: “*Le Séminaire XIII - L'objet de la psychanalyse (1965-66)*”, “*Le Séminaire XV - L' Acte psychanalytique (1967-68)*”, “*Le Séminaire XXI - Les non-dupes errent (1973-74)*”, “*Le Séminaire XXIV - L' insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre (1976-77)*”, “*Le Séminaire XXV - Le moment de conclure (1977-78)*”; e, por fim, “*Le Séminaire XXVI - La topologie et le temps 1978 - 1979*”. Os três últimos são os mesmos para os quais Padilha (2019) não encontrou tampouco traduções em português.

Há sete seminários que possuem não uma, mas duas traduções em espanhol. São eles: “*Le séminaire VI - Le désir et son interprétation (1958-1959)*”, “*Le séminaire VIII - Le transfert (1960-1961)*”, “*Le séminaire X - L'angoisse (1962-1963)*”, “*Le séminaire XVIII - D'un discours qui ne serait pas du semblante (1971)*”, “*Le Séminaire XIX - ... Ou pire le savoir du psychanalyste (1971-72)*”, “*Le Séminaire XX - Encore (1972-1973)*”, “*Le Séminaire XXIII - Le Sinthome (1975-1976)*”. Uma tradução, que chamamos de oficial, é editada pelo selo *Paidós* e a outra é uma tradução oficiosa, feita para a circulação interna da *Escuela Freudiana de Buenos Aires*.

Em português, assim como no espanhol, “*Le Séminaire XIX - ... Ou pire le savoir du psychanalyste (1971-72)*” tem duas traduções, uma oficial, publicada pela editora Jorge Zahar, e outra oficiosa, publicada pela Associação Freudiana Internacional (PADILHA, 2019).

Os *Seminários VIII, XVIII e XX* apresentam de pequenas a grandes diferenças nas traduções dos títulos. Por exemplo, “*Le Séminaire VIII - Le Transfert (1960- 1961)*” foi intitulado na versão oficial “*La transferencia*”, ao passo que, na versão oficiosa, foi intitulado: “*La transferencia en su disparidad subjetiva, su pretendida situación, sus excursiones técnicas*”. Não é somente o tamanho de um título em relação ao outro que chama



a atenção, mas o fato de que, no primeiro, tem-se uma ideia de transferência mais geral e, no segundo, parece especificar: não se trata de uma transferência qualquer.

No *Seminário XVIII* há, também, uma diferença no título, porém mais sutil: “*De un discurso que no fuese semblante*”, na tradução pertencente à Paidós, e “*De un discurso que no sería (del) semblante*”, pertencente à Escuela Freudiana de Buenos Aires. Nesse caso, a mudança ocorre no uso da preposição e do artigo definido “del”, e no tempo verbal, pois no primeiro título o verbo “fuese” está no pretérito imperfeito do subjuntivo; e no segundo, o verbo “sería” está no futuro do pretérito.

Em “*Le Séminaire XX -Encore (1972-73)*”, os títulos em espanhol atraem mais a atenção por serem completamente díspares: “*Aun*” da Editora Paidós e “*Otra Vez - Encore*” da Escuela Freudiana de Buenos Aires. Segundo Escalante (2017), a tradução em espanhol provinda do estabelecimento cometeu um equívoco ao intitular de “*Aun*”, sem o acento (sinônimo de *incluso*, ou seja, inclusive, até), e isso seria um problema grave. A primeira edição deste seminário foi publicada em 1977. O problema poderia ter sido solucionado nas re-edições subsequentes, mas isso não aconteceu. Assim, em 2009 houve uma reimpressão e o mesmo título permaneceu. Rodríguez Pontes, em seu sério estudo acerca do texto de Lacan, propôs como tradução para o título desse seminário *Otra Vez Encore*. Não sabemos dizer o que levou a traduções de títulos tão distintas; mas mencionamos aqui que esse seminário é mais elogiado na versão oficiososa de Ricardo Rodríguez Pontes que na versão oficial da Paidós.

Para Diana Estrin (2002), “*Le Séminaire de Jacques Lacan XXVII - Dissolution (Document Partiel) 1980*” não deve ser considerado como tal, uma vez que há uma divisão entre o Lacan escritor e o Lacan seminarista. Por isso, não deveríamos chamar de seminário a este conjunto, que, em sua maioria, foi escrito. Porém, muitas pessoas não compartilham do mesmo pensamento, classificando, então, esse conjunto como Seminário XVII. Podemos inferir que, dentre essas pessoas, está o tradutor Ricardo Rodríguez Ponte. A obra “*El seminario 27 - Disolución (1979-1980)*” é uma tradução feita por ele e se trata de uma versão bilíngue em que temos o texto em francês seguido da tradução para o espanhol. As datas apresentadas por Rodríguez Ponte diferem daquelas que Estrin (2002, p. 379) apresenta em seu livro.

Ainda sobre “*Le Séminaire de Jacques Lacan XXVII - Dissolution (Document Partiel) 1980*”, enfatizamos que, no início da pesquisa, o único local em que o localizamos foi no site *École lacanienne de psychanalyse*. Mais para o final da pesquisa, o site *Staferla* incorporou a transcrição ao seu compilado. A *Éditions du Seuil*, por sua vez, não possui nenhuma versão

desse seminário. Segundo Padilha (2019), o seminário XXVII foi silenciado devido à morte de Jacques Lacan em 1981. É considerado marcante pelo fato de, nesse período, Lacan não mais aprovar a forma que Jacques-Allain Miller organizava o seu *estabelecimento*.

As traduções oficiosas para o espanhol e para o português apresentam uma característica distinta que é interessante mencionar. As traduções oficiosas em português foram feitas por vários tradutores, com exceção “*Le Séminaire XIII - L'objet de la psychanalyse (1965-1966)*”, feita por um tradutor somente. Em espanhol, todas as traduções oficiosas foram feitas por um único tradutor, Ricardo Rodríguez Ponte, que realizou várias traduções críticas dos seminários de Jacques Lacan “em uma época em que o que se lia eram suspeitas publicações oficiais (tradução nossa).”<sup>15</sup>

Diferentemente da língua portuguesa, na língua espanhola há um volume bastante grande de notas de tradução. Todas possuem notas de tradutor, tanto as traduções oficiais quanto as oficiosas. Nas oficiais, aparecem notas de tradutor apontadas como notas de tradução. São notas que visam, fundamentalmente, a esclarecer jogos de palavras na língua francesa, as homonímias e os neologismos. As notas das traduções de Ricardo Rodríguez Ponte são profícuas e não se limitam aos jogos produzidos pela proliferação homofônica do francês.

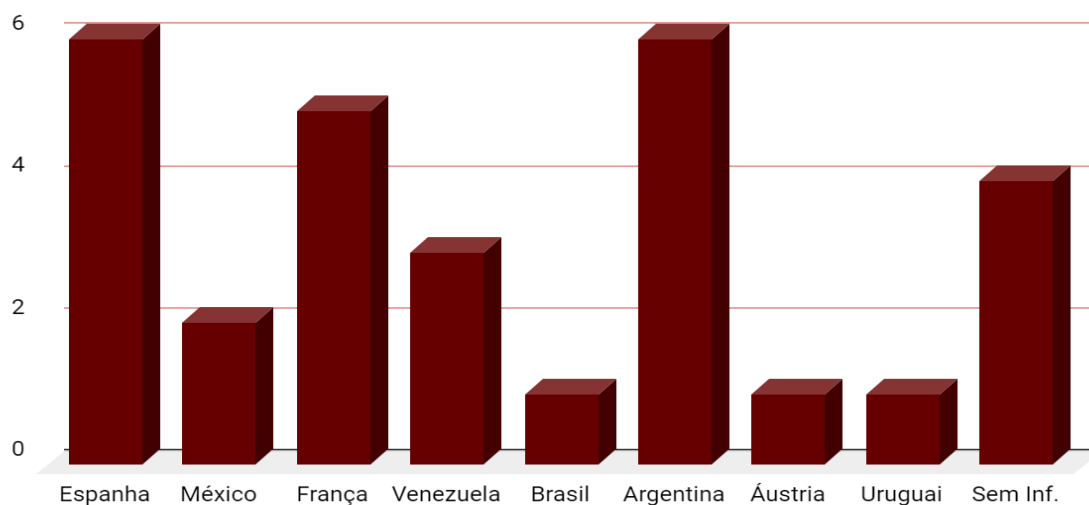
Após a análise de alguns elementos da primeira matriz, que possibilitou identificar os tradutores dos Escritos, Seminários e Outros Escritos, passamos a conhecer os tradutores da obra de Jacques Lacan ao espanhol.

---

<sup>15</sup> [...] en una época en que lo que se leía eran sospechas publicaciones oficiales (ESCALANTE, 2017, pp. 248).

#### 8.4 Acerca dos Tradutores

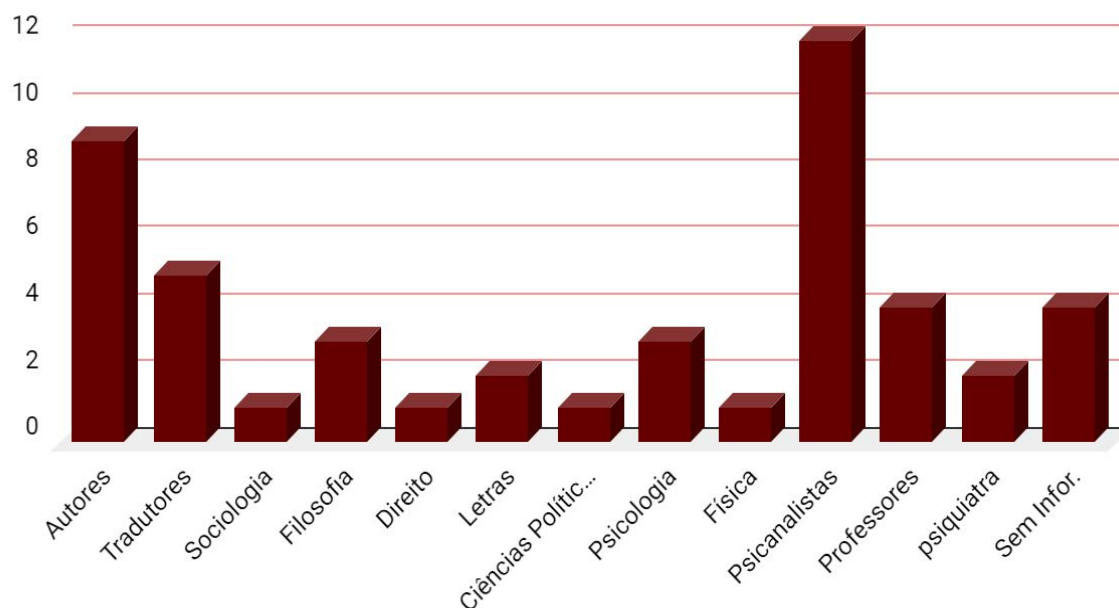
**Gráfico 2 - Países em Que Residiram os Tradutores de Jacques Lacan**



**Fonte:** elaborado por BARBOSA, M. L.

Este primeiro gráfico apresenta o local em que os tradutores estiveram ou estão. Estas informações foram obtidas através da internet e, até mesmo, das redes sociais daqueles com quem foi possível estabelecer contato. Como constata a imagem acima, Espanha e Argentina foram os países que, em algum momento, a maioria dos tradutores residiu. Uma questão interessante é o fato de a Argentina aparecer em uma posição de destaque e ser o local onde vinte e nove traduções da obra de Lacan foram publicadas; ou seja, todas as traduções dos seminários. O segundo país a apresentar uma quantidade significativa de tradutores é a França. Muitos desses profissionais passaram por esse país em algum momento de suas vidas. Podemos atribuir a essa questão o conhecimento do idioma francês que muitos apresentam. Pelo México passaram dois tradutores, mesmo país onde foi feita a publicação dos *Escritos I e II* pela *Editora Siglo XXI*. Na Venezuela estiveram três dos tradutores, dois nascidos nesse país, o outro por causa de exílio. Somente um dos tradutores residiu em cada um desses países: a Áustria, o Brasil e o Uruguai. Conclui-se, até o momento desta pesquisa, que a maioria dos tradutores tiveram um vínculo maior com a Argentina, a Espanha e a França. Quanto à informação de quatro tradutores, não foi possível obtê-la.

### Gráfico 3 - Ocupação e Formação Dos Tradutores



**Fonte:** elaborado por BARBOSA, M. L.

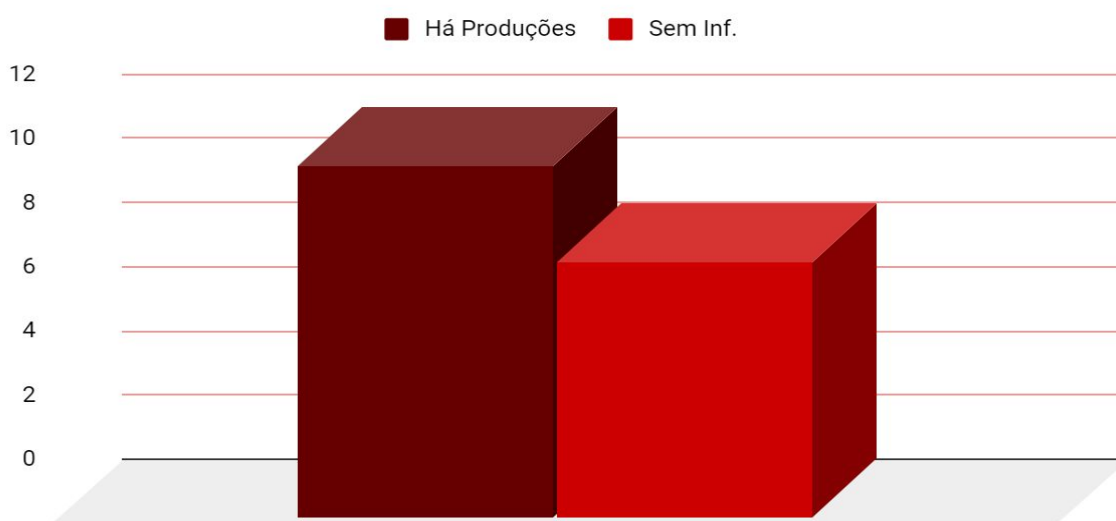
Para corroborar o que antes citado caráter nômade dos Estudos da Tradução, que possibilita a articulação com diversas áreas e sub-áreas do conhecimento (PAGANO e VASCONCELLOS, 2003), a formação desses tradutores foi considerada relevante para esta pesquisa. Depois de catalogar todas as áreas de formação e a ocupação dos tradutores, fez-se um gráfico para reuni-las e conhecer mais sobre estes profissionais. A maioria, doze, são psicanalistas; nove são autores de livros, grande parte escreve sobre psicanálise; quatro são professores; somente um tradutor apresenta formação em cada uma das seguintes áreas: Sociologia, Direito, Ciências Políticas e Física.; três são formados em Filosofia; dois apresentam formação em Letras; três são da área da Psicologia; dois vêm da Psiquiatria e somente cinco se apresentam como tradutores. Quanto à informação de quatro deles, não foi possível localizá-la.

Neste ponto podemos pensar na questão das traduções especializadas. Dentro dos Estudos da Tradução, há autores que defendem que a tradução de temas específicos seja feita por especialistas e outros que defendem que esse trabalho pode ser feito por um tradutor não especialista no assunto, desde que recorra às fontes de informações adequadas.

Se trazemos a literatura à baila, tudo passa a ser questionável. Quando falamos de literatura, pensamos na licença poética que se tem para a criação, pensamos nas ambiguidades. Então, como saber se aquilo foi mesmo o que a autor/a escreveu?

Ao falar sobre tradução técnica, Ciruelos (2007) menciona que um tradutor especialista conhece perfeitamente os termos e saberia empregá-los adequadamente. “Em contrapartida, um tradutor não especialista se vê obrigado a ponderar diversas opções (CIRUELOS, 2007, p. 251, tradução nossa).”<sup>16</sup> Aqui concordamos com o autor e acrescentamos que esse cuidado exacerbado que um tradutor não técnico teria, provavelmente, o torna mais desconfiado, qualidade excelente para tradutores.

#### Gráfico 4 - Produções Que se Referem ao Trabalho Como Tradutor



**Fonte:** elaborado por BARBOSA, M. L.

Conhecer a respeito do tradutor como também da tradução é pertinente para o aprofundamento dos estudos desse campo, pois permite encontrar questões importantes quanto a este ofício. Falar sobre a menção dos tradutores ao seu trabalho é um dado relevante. Baseado nessa ideia, a pesquisa nos levou a tentar localizar os textos em que esses profissionais fazem referência a sua atividade como tradutores.

Mais da metade já deu entrevistas ou falou de uma ou outra forma sobre seu trabalho como tradutor. No entanto, outros silenciam essa atividade; ou seja, não localizamos indícios de que eles se reconheçam como agentes da tradução. Pode ser que nunca tenham tido a

<sup>16</sup> El traductor no especialista se ve obligado a ponderar diversas opciones (CIRUELOS, 2007, p. 151).

oportunidade de se pronunciar a respeito, ou que, simplesmente, não se reconheçam nela, ou mesmo que haja outro motivo que nos escape.

Há tradutores falando sobre seus trabalhos com a tradução, mas muitos não conhecem este agente. Provavelmente, por isso, não têm o conhecimento de que os textos que leem são traduções.

Uma questão interessante é do psiquiatra, psicanalista, autor e tradutor Vicente Mira Pascual (Valladolid, 1947 - Madrid, 2014). Há um site na internet que o apresenta como tradutor de Lacan, mas, no cotejo das informações encontradas para a análise deste trabalho, aparece mencionado como tradutor somente uma vez. Já Enric Berenguer, que fez seis traduções de Lacan, não é apresentado como tradutor, nem sequer foi possível localizar outras informações sobre ele. Este caso é notável, pois não se trata de um tradutor de uma obra, mas de um profissional que é mencionado várias vezes como tradutor de Lacan. Fica como questão: é ele que não se reconhece como tradutor? São os outros que não reconhecem esse labor? A que se deve este silêncio?

Juan-Luis Delmont-Mauri, psicanalista, formado em psicanálise, filosofia, ciências políticas e Letras clássicas, também fez a tradução de quatro obras de Lacan. Em nenhum momento da pesquisa o encontramos sendo apresentado como tradutor de Lacan.

Julieta Sucre também aparece três vezes como tradutora de Jacques Lacan. Quando pesquisamos para saber mais sobre ela, não apareceu nenhuma menção explícita do seu trabalho como tradutora de Lacan, mesmo tendo participado da tradução de três seminários. Em uma entrevista<sup>17</sup> dada para Miyó Vestrini, Delmont-Mauri e Sucre responderam perguntas a respeito da tradução e do tradutor.

Diana Silvia Rabinovich e Nora A. González também aparecem como tradutoras de três obras de Lacan. Em relação a primeira, encontramos um trabalho<sup>18</sup> que é de sua autoria falando sobre seu ofício e formação; em relação a segunda, não conseguimos obter nenhuma informação, nem, ao menos, a nacionalidade. Ao colocarmos seu nome em ferramentas de pesquisa, não encontramos nada referido à tradução. Quando colocamos o nome junto com a palavra tradutora, também não aparece nada de relevante. Usando como busca “Nora A. González tradutora de Lacan”, são identificadas as obras de Lacan com o nome dela e nada mais.

Existem muitos outros tradutores encontrados na compilação desta pesquisa. Mencionamos estes, não por serem mais importantes, mas porque apresentam questões que precisam ser observadas.

---

<sup>17</sup> <https://letramuertaed.com/miyotraduccion/>

<sup>18</sup> [http://repositorioubiuba.sisbi.uba.ar/gsd/collect/encruce/index/assoc/HWA\\_723.dir/723.PDF](http://repositorioubiuba.sisbi.uba.ar/gsd/collect/encruce/index/assoc/HWA_723.dir/723.PDF)

Por fim, as informações encontradas possibilitaram conhecer o maior tradutor de Jacques Lacan. Mesmo que não o encontremos assim, colocamo-lo nesta posição uma vez que ele aparece mencionado doze vezes como tradutor das obras oficiosas. Dedicaremos agora uma seção a falar sobre ele.

#### **8.4.1 Ricardo Rodríguez Ponte**

Ricardo Rodríguez Ponte é um psicanalista, tradutor e professor argentino. Residiu em Buenos Aires e faleceu no ano de 2014, sem conseguir terminar seu trabalho com os seminários de Lacan. Suas traduções, recheadas de notas de rodapé e várias fontes de consulta, fizeram com que o seu trabalho se tornasse reconhecido, sobrepujando muitas das traduções oficiais que receberam diversas críticas.

O psicanalista decidiu aprender francês nos anos 1980 quando lia Lacan com algumas de suas alunas que possuíam o conhecimento do idioma. Começaram a traduzir juntos os Escritos e, à medida que se esgotavam, mudavam para as traduções de alguns dos seminários. De início, Rodríguez Ponte fazia as traduções para si, mas em 1986 a Escola Freudiana de Buenos Aires apresentou um plano de ensino que consistia em trabalhar “*El seminario 5 - Las Formaciones del Inconsciente (1957-1958)*”. A primeira dificuldade encontrada foi perceber que, além dos problemas da tradução, outros mais foram somados. Havia somente uma versão com a adição de duas aulas ao final, sem a numeração. Era preciso acesso ao texto completo dos seminários, e Ricardo Rodríguez Ponte e os outros membros da escola não tinham esse acesso.

No período em que começaram a fazer as traduções, a primeira versão polêmica dos Escritos já havia sido traduzida. Em uma entrevista à revista LaPsus, em 2014, o psicanalista mencionou que mesmo as edições posteriores dos Escritos apresentavam muitos erros. Ao tratar dessa questão, destacou o livro de Marcelo Pasternac (2000) e teceu uma crítica à comunidade psicanalítica que, ao fazer citações, poderia estar fazendo-as incorretamente e ignoravam o problema. Essa crítica feita pelo professor indica que o leitor de textos traduzidos costuma não questionar aquilo que está lendo.

Rodríguez Ponte considerava suas traduções muito boas, embora não fossem as que ele gostaria de fazer. Isso dava-se pelo fato de que, ao começar a traduzir Lacan, havia lido e estudado o suficiente, e de que conhecer sobre Lacan e seu ensino, para ele, era o primeiro ponto crucial para quem se atrevesse a traduzi-lo. O segundo ponto consistia em ser um psicanalista a fazer a tradução e não um tradutor profissional, porque era necessário ter conhecimento aprofundado não só da teoria, mas das nuances nas quais ela estava inserida.

Aqui difere de Armando Suárez, que acreditava que para traduzir Lacan deveria fazê-lo um escritor. Neste ponto, encontramos uma questão bastante discutível, pois muitas das obras de Lacan foram traduzidas para o espanhol não por tradutores profissionais, mas por psicanalistas, e são bastante criticadas. Vejamos que a história traduzida da psicanálise, pelo menos em língua espanhola, conta com nomes de dois grandes tradutores que não eram psicanalistas. Estamos fazendo referência ao trabalho de Luis López-Ballesteros e José Luis Etcheverry (ESCALANTE, 2015). Teria esquecido Rodríguez Ponte que ele mesmo se formou como psicanalista lendo textos traduzidos por não psicanalistas? O terceiro ponto mencionado por Rodríguez Ponte, e com o qual concordamos, é que, para se traduzir Lacan para o espanhol, é preciso ter um conhecimento aprofundado dessa língua.

Por ministrar vários seminários, Rodríguez Ponte tinha bastante experiência com o texto oral e sabia que gestos feitos em uma apresentação precisavam ser transformados em frases escritas. Ter esse conhecimento o ajudou a manejar as versões francesas dos seminários e fez com que observasse o texto de Jacques Allan Miller “é muito legível, mas inverossímil” (BAUAB e RUÍZ, 2015, p. 76). Esta característica não remete a um erro, mas ao fato de a frase ser mudada. Provavelmente, as traduções de Ricardo Rodríguez Ponte são elogiadas por causa do seu conhecimento em relação às decisões que precisavam ser tomadas diante de um texto oral e a prudência do psicanalista ao se propor a traduzir Lacan.

Rodríguez Ponte considerava a tradução como um hobby, não um trabalho; mas destacava que por trás da tradução havia um viés político. Para esclarecer a posição política à qual se referia, mencionou três seminários: “*Le Séminaire XXIII - Le Sinthome (1975-1976)*”, relatando que a leitura de Miller uma hora “omite” e outras “inventa”; “*Le Séminaire XX - Encore (1972-73)*”, atribuindo à sua tradução oficial a palavra problemática; e “*Le Séminaire X - L'Angoisse*”, que na tradução oficial para o espanhol altera o que Lacan fala sobre o Hamlet, tragédia de William Shakespeare.

Baseado na política da escola, Rodríguez Ponte atribuiu à sua tradução do seminário XXIII o título “*El seminario XXIII - El sinthoma (1975-1976)*”, que é diferente da proposta de tradução feita pelo selo da editora oficial Paidós, cujo título é “*El seminario 23 - El sinthome*”, versão que optou por deixar a forma francesa criada por Lacan, mas com a substituição do artigo em francês “*le*” pelo artigo “*el*” em espanhol. Na versão de Rodríguez Ponte, as notas tinham como objetivo “criar consciência sobre a dificuldade da tradução” (BAUAB e RUÍZ, 2015, p. 77) e reforçar esse viés político.

Sua teoria de tradução consistia em dizer que “tudo é traduzível porque nada é traduzível” (BAUAB e RUÍZ, 2015, p. 82). Por isso, sua política de transmissão considerava a



quem o texto se dirigia; e foi essa questão que regulou sua maneira de traduzir e quando usar ou não as notas de rodapé. Rodríguez Ponte dizia que a leitura deveria fazer parte da vida do psicanalista e, para se traduzir bem, também, precisava ler bem, pois estava relacionado a entender o que a letra dizia e não o que se achava. Nesse contexto, afirmava que lia bem Lacan porque o traduzia e se obrigava a dizer exatamente, na língua espanhola, aquilo que havia lido em francês. Em suas traduções de Lacan, optava por manter a literalidade por causa da transcrição, caso precisasse voltar para alguma parte. Quanto aos neologismos, jogos de palavras, homônimas da língua francesa, ora traduzia, ora matinha.

Porque tinha pessoas para enviar, dava-se o trabalho de fazer as traduções. Caso não houvesse, não o faria, pois dizia que nada pagava tal trabalho. Sobre as traduções oficiais, pontuava: “a minha preocupação é transmitir que somos responsáveis pelo que lemos. Se alguém quer se conformar com a edição oficial que é fácil, rápida e muito enxuta, bom, fica a critério de cada um, mas que saiba o que está perdendo (BAUAB e RUÍZ, 2015, p. 86).”

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho originou-se da possibilidade de articular os campos da tradução e da psicanálise. Através dessa articulação, concentrou-se em uma área de suma importância nos Estudos da Tradução: a invisibilidade do tradutor. Fundamentando-se, pelo menos em parte, na quinta tarefa da tradutologia proposta por Berman (2009), que reforça a questão do apagamento desse agente e propõe que se faça uma *analítica do tradutor* que considera inexistente e na sugestão de Chesterman (2014), ao incentivar a criação de uma subárea dentro dos Estudos da Tradução cuja denominação seria “Estudos do Tradutor (TranslaTOR Studies)”, buscou-se conhecer o ofício destes agentes.

Para alcançar nosso objetivo, fizemos um levantamento de informações bibliográficas documentais das obras em francês de Jacques Lacan e suas respectivas traduções para o espanhol, buscando catalogar tanto as traduções oficiais, ou seja, aquelas provenientes de editoras, como as oficiosas, produzidas nas instituições psicanalíticas. Esse catálogo de traduções foi a base para localizar os nomes dos tradutores. Com essa referência, foi feito um levantamento de informações sobre os tradutores, tomando como guia a proposta de Berman (1995).

Ao longo da pesquisa, conseguimos identificar as seguintes questões: I. há problemas no que vem a ser obra de Lacan; II. há informações editoriais nas obras em francês que, por

vezes, são confusas; III. a maioria das informações dos tradutores são de difícil acesso e algumas nem se pode obter; IV. a questão da invisibilidade faz-se notar na pesquisa.

A articulação desses campos, primeiro por iniciativa de Freud ao estimular a tradução da sua obra e, segundo, por ter como correlato reflexões sobre a linguagem, permite lembrar à comunidade de psicanalistas que os textos que leem são traduções. Nesse sentido, pensamos que esses profissionais poderiam abrir debates importantes como receptores da tradução. No caso do texto de Jacques Lacan, sublinhamos dois aspectos: a língua francesa, a forma como ele a manejou, a fez de instrumento na construção da sua teoria; e as diversas passagens do seu texto, do oral ao escrito, do francês para as outras línguas.

Quanto às traduções dos Seminários para o espanhol, há uma prevalência editorial do selo da editora Paidós nas publicações oficiais; quanto às oficiosas, há uma prevalência de publicação pela instituição *Escuela Freudiana de Buenos Aires*. Também há uma homogeneidade do local de publicação das traduções oficiais e oficiosas: todas foram publicadas no território argentino.

As informações editoriais nos permitem localizar que algumas traduções foram feitas em conjunto, ou seja, por mais de um tradutor. No entanto, onze traduções identificam como tradutores somente uma pessoa. Quanto às oficiosas, todas as doze traduções foram feitas por um único tradutor somente.

Uma questão importante a respeito da tradução da obra de Jacques Lacan para o espanhol e português é que, neste, há uma demarcação territorial muito clara, o Brasil; e naquele, esta demarcação some. Apesar de as traduções serem publicadas na Argentina, há participação de uma diversidade de tradutores de vários lugares que se radicaram nesse país, muitos por causa do exílio, pois seus países estavam enfrentando ditaduras. Por isso, as traduções, por vezes, apresentam características do espanhol de lugares diferentes. O nosso trabalho não se deteve nesse aspecto, deixamos aqui a recomendação para que futuras pesquisas se debruce sobre o tema.

Quanto aos tradutores, muitas das informações não puderam ser encontradas, reforçando a questão da invisibilidade que apresentamos desde o início deste trabalho. Em relação às línguas que os tradutores conhecem, a maioria transita entre o francês e espanhol, mas encontramos, também, ocorrência das línguas portuguesa brasileira, alemã e inglesa.

A proposta de recorte desta pesquisa – conhecer e dar visibilidade, especificamente, aos tradutores de Jacques Lacan ao espanhol – ressaltou dados importantes para os dois campos. Referente à tradução, comprovou-se a questão da invisibilidade, ao constatar a dificuldade de localizar informações sobre muitos tradutores, e permitiu conhecer o maior

tradutor de Jacques Lacan: o argentino Ricardo Rodríguez Pontes, que traduziu 12 seminários oficiosos.

Quanto à psicanálise, os dados obtidos possibilitaram falar de uma difusão do que podemos chamar de “O Ensino de Lacan” por meio dos tradutores localizados no território argentino, local onde ocorreu a maioria das publicações. Oscar Cesarotto e Márcio Peter (2001) mencionam em seu livro que o inconsciente é universal, mas que a psicanálise é reestruturada em cada língua. Se essa questão de fato ocorre, pode-se afirmar, quanto ao espanhol, que a psicanálise é refeita na América Latina e difundida tanto aqui como na Europa.

A tradução é uma tarefa árdua e sua importância na construção da cultura é indiscutível. Por outro lado, trata-se de uma atividade profundamente questionada e, quiçá por isso, silenciada por muitos dos que a realizam. Neste trabalho tentamos ir na contramão, dando ao tradutor um lugar visível. No percurso achamos alguns obstáculos, um deles foi a ausência de registros sobre os tradutores de Lacan. Este silêncio se revela não apenas pela falta de informações, mas por uma espécie de contradição que encontramos na pesquisa feita sobre Ricardo Rodríguez Ponte. Ele é, sem dúvida, o tradutor de Lacan em língua espanhola. Seu trabalho é de valor inestimável. No entanto, no seu depoimento em primeira pessoa, ele não se enuncia tradutor. Como não? Na sua enunciação sobre a tradução encontramos uma série de reflexões que só podem ser feitas por um tradutor. A questão que fica é se essa invisibilidade do tradutor não está atrelada ao fato de que, na dialética do reconhecimento, não se sabe bem se o tradutor não é reconhecido ou se ele mesmo não se reconhece. Isso ficou como uma questão para futuras pesquisas.

Embora neste trabalho tentamos fazer um cruzamento de dados com a pesquisa de Padilha (2019), há ainda algumas questões que precisam ser afinadas, tanto sobre a compilação feita neste trabalho, quanto pelas possibilidades de juntar essas duas pesquisas para saber, por exemplo, como se deu o fluxo de traduções de Jacques Lacan em espanhol e português.

Um desdobramento desta pesquisa seria, ainda, a elaboração de um dicionário de tradutores de psicanálise on-line, como referência àqueles que se debruçam à pesquisa nesses campos. Porém, neste primeiro momento, abstermo-nos de fazer essa junção de dados, o que não impede a complementação por futuros novos pesquisadores ou até mesmo a reconstrução de ideias, como propõe Bachelard (1948).

## 10. REFERÊNCIAS

A FANTÁSTICA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NO BRASIL (DAMIANA ROSA DE OLIVEIRA - POLIGLOTAR 2019), 2020. 1 vídeo (56min08s). Publicado pelo canal Poliglotar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIqW20HWjvw>. Acesso em: 10 ago. 2020.

A HISTÓRIA DA BÍBLIA E SUA TRADUÇÃO PARA OUTRAS LÍNGUAS, 2018. 1 vídeo (1h15min16s). Publicado pelo canal Teologia ao Alcance de Todos - Lanilberto Miranda. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=40Je2\\_2ohWM](https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=40Je2_2ohWM). Acesso em: 11 ago. 2020.

ALBALADEJO, Tomás. **Traducción y Representación**. Madrid; Universidad Autónoma de Madrid, Arco/Libros, 2006, p. 31-45. Disponível em: [https://www.academia.edu/3315832/T\\_Albaladejo\\_Traducci%C3%B3n\\_y\\_representaci%C3%B3n](https://www.academia.edu/3315832/T_Albaladejo_Traducci%C3%B3n_y_representaci%C3%B3n). Acesso em 10 abr. 2019.

ARAUJO SOBRINHO, Paulo Ubiratan. **Tradução e psicanálise: Panorama das pesquisas no Brasil no período 2000-2015**. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19483/1/2017\\_PauloUbiratanAraujoSobrinho.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19483/1/2017_PauloUbiratanAraujoSobrinho.pdf). Acesso em 15 jun. 2019.

ARAUJO SOBRINHO, Paulo Ubiratan. Tradução e psicanálise: diálogo possível. 2017. 44 f. il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Espanhol) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://document.onl/documents/paulo-ubiratan-araujo-sobrinho-traducao-e-psicanalise-bdmunbbrbitstream104831948312017pauloubiratanaraujosobrin.html>. Acesso em 15 jun. 2019.

BACHELARD, Gastón. **La formación del espíritu científico: contribución a un psicoanálisis del conocimiento objetivo**. traducción de José B AB Ini. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, ed. 23, 1948.

BARBOSA, Denise Cardoso. A recepção de traduções de psicanálise: um estudo de caso das traduções do livro *El Grafo Del Deseo* de Alfredo Eidelsztein. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Espanhol) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BAUAB, Adriana; RUÍZ, Alejandra. **A Tradução Como Política. Conversa com Ricardo Rodríguez Ponte**. Tradução: Alba Escalante e Kamilla Pacheco. In: *Transversal — Revista em Tradução*, Fortaleza, v.1, n.2, p.72-89, 2015.

BERMAN, Antoine. **A tradução e seus discursos**. In: *ALEA*, v. 11, n. 2, p. 341-353. julho - dezembro, 2009.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. Éditions Gallimard, 1984.

BERMAN, Antoine. **Esboço de um método**. In: *Pour une critique de traductions: John Donne*. Tradução de: Alba Escalante; Júlia Mendes. Gallimard, Bibliothèque des idées, 1995.

CHESTERMAN, Andrew. O NOME E A NATUREZA DOS ESTUDOS DO TRADUTOR. In: *Belas Infiéis*, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11280/9925>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CIRUELOS, Andrés López. **El traductor Especialista o el Arte de Descifrar Mensajes en Clave. Panace @**. Vol. IX, nº 26. Segundo Semestre 2007. Disponível em: <http://tremedica.org/panacea.html>. Acesso em: 17 jul. 2020.

COSTA, Diogo. **Os objetivos da tradução: da história à contemporaneidade e seu ensino no Brasil**. Fortaleza; Entrepalavras, ano 2, v. 2, n. 1 p. 155-174, 2012. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/49/100>. Acesso em: 15 jun. 2020.

DELISLE, Jean. **História da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngue**. Tradução: Fernando Afonso de Almeida. Niterói, n.13, p. 9-21, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33510/19497>. Acesso em: 15 jun. 2020.

DICIONÁRIO DE TRADUTORES: **Dicionário de Tradutores Literário no Brasil**. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>. Acesso: 20 maio. 2019.

ESCALANTE, Alba. SEMEJANTES EXTRAÑOS: Traducción comentada de O sujeito e seu texto, de Teresa Palazzo Nazar. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ESCALANTE, Alba. **O texto freudiano: um caso especial de tradução técnico-científica**. Em: Roscoe-Bessa, C; Bell-Santos, C.; Lambert, F. A tradução em contextos especializados. Brasília: Verdana, 2015.

ESCALANTE, A. (2017). **Psicoanálisis traducido y en vías de traducción**. (Tradução nossa, p. 14) *Mutatis Mutandis*, 10(2), 229-254.

ÉCOLE LACANIENNE DE PSYCHANALYSE: **Séminaires - Jacques Lacan** - Version J.L et non J.L. Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/en/bibliolacan/seminaires-version-j-l-et-non-j-l/>. Acesso em: 20 maio. 2019

LACAN, Jacques. **Outros Escritos** LACAN, 2003, P. 316-318.

MELO, Maria Isabel. Lacan e a Topologia. **Um Retrato da Matemática Sob o Olhar da Psicanálise Lacaniana**. Tese de Mestrado (Programa de Pós-graduação de Engenharia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Brasil, Março de 2007. Disponível em: [http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe\\_m/MariaIsabelAfonsoMelo.pdf](http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe_m/MariaIsabelAfonsoMelo.pdf). Acesso em: 20 abr. 2020.

MILLER, Jacques-Alain. **El establecimiento de “El Seminario” de Jacques Lacan**. Tradução: Hugo Savino. Buenos Aires: Tres Haches, 1999.

OTTONI, Paulo. **A Tradução é Desde Sempre Resistência: Reflexões Sobre Teoria e História da Tradução**. In: Alfa, São Paulo, 159-168, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4018/3687>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PAGANO, A., VASCOCELLOS, M.L. **Estudos da tradução no Brasil: Reflexões sobre teses e Dissertações Elaboradas por Pesquisadores Brasileiros nas Décadas de 1980 e 1990**. In: DELTA, v. 19: Especial, p. 1-25, 2003.

RAMOS REUILLARD, Patrícia. **A Tradução dos Seminários de Jacques Lacan**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (50.2), jul/dez.2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/10.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RÓNAI, Paulo. **Definições de tradução e do tradutor**, em Tradução vivida. 3. ed. rev. Ampl. Rio de Janeiro: nova fronteiras, 1981.

STAFERLA: **Staferla**. Disponível em: <http://staferla.free.fr/>. Acesso em: 20 maio. 2019.

TONATO PADILHA, Vivian Fernanda. Esboço de uma história da psicanálise lacaniana no Brasil à luz da tradução e dos seus tradutores. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Espanhol) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

UM ENCONTRO COM LACAN, 2012. 1 video (52min54s). Publicado pelo canal Psicanaliselacanianana. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=40Je2\\_2ohWM](https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=40Je2_2ohWM). Acesso em: 08 jun. 2019.

VELASCO GARCÍA, José Refugio e PANTOJA PALMEROS, María Teresa. **La Traducción Al Español de Jacques Lacan. ¿Una Polémica Fructífera?** Disponível em: <https://www.medigraphic.com/pdfs/epsicologia/epi-2013/epi133r.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A history of translation**. London; New York: Routledge 1995 (Translation Studies 5). Livro. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.475.4973&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em 06 jun. 2019.

WILSON, Patrícia. La traducción y sus discursos: Apuntes sobre la historia de la traductología. Exlibris, Argentina, 2013. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/exlibris/article/view/372/241>. Acesso em: 10 abr. 2019.

## APÊNDICE A - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS			
TÍTULO	FONTE	ANO DA PUBLICAÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité	Éditions du Seuil	1975	Tese de doutorado de Jacques Lacan em medicina, na França em 1932.
Écrits I	Éditions du Seuil	1966	Os cinco textos que compõe esta edição foram extraídos de um trabalho que Jacques Lacan publicou em 1966.
Ecrits II	Editions du Seuil	1966	
Autres écrits	Editions du Seuil		
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre I - Les écrits techniques de Freud (1953-1954)	Editions du Seuil	1975	
Le Séminaire I - Les écrits techniques de Freud (1953-54)	Staferla		
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre II - Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse (1954-1955)	Editions du Seuil	1978	
Le Séminaire II - Le moi (1954-55)	Staferla		
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre III - Les Psychoses (1955-1956)	Editions du Seuil	1981	
Le Séminaire III - Psychoses (1955-56)	Starfela		
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre IV - La relation d'objet (1956-1957)	Editions du Seuil	1994	
Le Séminaire IV - La relation d'objet (1956-57)	Staferla		
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre V - Les formations de l'inconscient (1957-1958)			
Séminaire V - Les formations de l'inconscient (1957-58)	Staferla		



APÊNDICE A - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS			
TÍTULO	FONTE	ANO DA PUBLICAÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre VI: Le désir et son interprétation Le Séminaire VI - Le Désir (1958-59)	Martinière et Le Champ Freudien Staferla	2013	
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre VII - L'éthique de la psychanalyse (1959- 1960) Le Séminaire VII - L'éthique (1959- 60)	Éditions du Seuil Staferla	1973 - 1964	No verso da folha de rosto aparece o título original em francês. Porém o que deixa confuso é o fato de apresentar duas data - 1964 e 1973 - deixa a dúvida de qual é a real data de publicação. Aparentemente, a data correta é 1973. Mas o que é a data de 1964?
Le Séminaire de Jacques Lacan VIII - Le Transfert (1960- 1961) Le Séminaire VIII - Le Transfert (1960- 61)	Éditions du Seuil Staferla	1991	
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre IX - L'identification (1961-1962) Le Séminaire IX - L'identification (1961-62)	Staferla		
Le Séminaire de Jacques Lacan Livre X - L'Angoisse Le Séminaire X - L'Angoisse	Éditions du Seuil Staferla	2004	
Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XI - Les quatre principes fondamentaux de la psychanalyse (1964) Le Séminaire XI - Fondements (1964)	Éditions du Seuil Staferla	1973-1964	
Le Séminaire XII - Problèmes cruciaux (1964-65)	Staferla		



**APÊNDICE A - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS**

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS			
TÍTULO	FONTE	ANO DA PUBLICAÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
Le Séminaire XIII - L'objet de la psychanalyse (1965-66)	Staferla		
Le Séminaire XIV - Logique Du Fantasma (1966-67)	Staferla		
Le Séminaire XV - L' Acte (1967-68)	Staferla	2006	
Le Séminaire XVI - D'un Autre à l'autre (1968-1969) Le Séminaire XVI - D'un Autre à l'autre (1968-69)	Editions du Seuil		
Le Séminaire XVII - L'envers de la psychanalyse Le Séminaire XVII - L'envers de la psychanalyse (1969-1970)	Staferla	1975	
Le Séminaire XVIII - D'un discours qui ne serait pas du semblant (1971)	Editions du Seuil		
Le Séminaire XIX - ... Ou pire Le savoir du psychanalyste (1971-1972)	Staferla		
Le Séminaire XX - Encore Le Séminaire XX -Encore (1972-73)	Staferla		
Le Séminaire XXI - Les non-dupes errent (1973-74)	Editions du Seuil	1975	
Le Séminaire XXII - R.S.I.(1974-75)	Staferla		
Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XXIII - Le Sinthome	Editions du Seuil	2005	
Le Séminaire XXIII - Le Sinthome (1975-76)	Staferla		

**APÊNDICE A - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS**

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS ORIGINAIS			
TÍTULO	FONTE	ANO DA PUBLICAÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
Le Séminaire XXIV - L'insu que sait de l'une-lévue s'aile à mourre (1976-77)	Staferla		
Le Séminaire XXV - Le moment de conclure (1977-1978)	Staferla		
Le Seminaire de Jacques Lacan XXVI - La topologie et le temps 1978 - 1979	Ecole Lacanienne de psychanalyse		
Le Seminaire de Jacques Lacan XXVII - Dissolution (Document Partiel) 1980	Ecole Lacanienne de psychanalyse		

## APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS										
TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS	OUTRAS INFORMAÇÕES
Escritos I	Siglo Veintiuno editores	1971	Primera edición en español, 1971 - novena reimpresión, 1983 - segunda edición en español, corregida y aumentada, 1984 - decimocuarta reimpresión, 2007 - tercera edición, nuevamente corregida, 2009.	México	Tomás Segovia - Revisada con la colaboración do autor e de Juan David Nasio, foi novamente revisada por Armando Suárez, os textos colocads depois foram traduzidos por Armando Suarez	Revisión del texto: equipo editorial de siglo XXI y gabriela ubaldini, siguiendo la edición francesa del texto integral.	Octavio Chamizo*	Sim	Não	Nota feita pelo próprio tradutor, é uma nota do tradutor. Há uma alteração nas versões posteriores de textos que não haviam sido colocados na anterior e passaram a fazer parte da versões posteriores.
Escritos II	Siglo Veintiuno editores	1975	Primera edición en español, 1975 - séptima reimpresión, 1983 - segunda edición en español, corregida y aumentada, 1984 - decimocuarta reimpresión, 2005 - tercera edición, nuevamente corregida, 2009	México	Tomás Segovia - Revisada con la colaboración do autor e de Juan David Nasio, foi novamente revisada por Armando Suárez.	Revisión del texto: equipo editorial de siglo XXI y gabriela ubaldini, siguiendo la edición francesa del texto integral.	Octavio Chamizo*	Sim	Não	Ele aparece como quem está dirigindo o livro. Não sei se pode ser chamado de editor, mas não sabia como classifica-lo. Há uma nota do tradutor.

## APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS										
TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS	OUTRAS INFORMAÇÕES
Otros Escritos	Paidós	2012	1ª ed. 2012	Argentina	Graciela Esperanza; Guy Trobas; Silvia Tendlar; Vicente Palomera; Margarita Alvarez; Juan Luis Delmont-Mauri; Julieta Sucre; Antoni Vicens	Revisión: Graciela Esperanza y Guy Trobas	Sem informação	Sim	Não	O paratexto da tradução é feito por dois dos tradutores, os mesmo que também fazem a revisão. Como são vários textos, eles especificam quem traduziu, quem fez a revisão, quem colaborou.
El seminario 1 - Los escritos técnicos de Freud (1953-1954)	Paidós	1981		Argentina	Rithee Cerasco - Vicente Mira Pascual	Diana Silvia Rabinovich	Juan Granica	Sim	Não	Há uma nota da tradução. A nota não é feita pelos tradutores. Fala fundamentalmente de questões Terminológicas. Recorre ao dicionário da Real Academia para sustentar a argumentação. Faz referência a um traço da Tradução Castellana



## APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS										
TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS	OUTRAS INFORMAÇÕES
El seminario 2 - El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica	Paidós	1983	1º edición, 1983 - 11ª reimpresión, 2008	Argentina	Irene Agoff	Não		Não	Não	
El seminario 3 - La psicosis	Paidós	1984	1º edición, 1984 - 17ª reimpresión, 2009	Argentina	Juan-Luis Delmont-Mauri - Diana Silvia Rabinovich	Diana Silvia Rabinovich		Não	Não	
El seminario 4 - La relación de objetos	Paidós	1994	1º edición, 1994 - 7ª reimpresión, 2008	Argentina	Eric Berenguer	Não	Juan Granica	Não	Não	
El seminario 5 - Las Formaciones del Inconsciente (1957-1958)	Paidós	1999	1ª edición 1999 - 9ª reimpresión 2010	Argentina	Eric Berenguer	Não	Juan Granica	Não	Não	
El seminario 6 - El Deseo y su interpretación	Paidós	2014	1ª edición octubre de 2014 - 2ª reimpresión 2015	Argentina	Gerardo Arenas	Graciela Brodsky	Juan Granica	Não	Não	
El Seminario 6 - El Deseo y su interpretación (1958-1959)	Escuela Freudiana de Buenos Aires			Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	
El seminario 7 - La ética del psicoanálisis	Paidós	1988	1º edición, 1988 - 10ª reimpresión, 2007	Argentina	Diana Silvia Rabinovich	Não	Juan Granica	Não	Não	
El seminario 7 - La ética del psicoanálisis	Paidós	2003	1º edición, 2003 - 3ª reimpresión, 2008	Argentina	Eric Berenguer	Não	Juan Granica	Não	Não	
El seminario 8 - La transferencia										O tradutor faz uma nota da tradução. Diz "nuestra traducción" mas não fala quem são esse "nuestra"
El seminario 8 - La transferencia en su disparidad subjetiva, su pretendida situación, sus excursiones técnicas	Escuela Freudiana de Buenos Aires	1982		Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	

## APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS										
TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS	OUTRAS INFORMAÇÕES
El Seminario 9 - La identificación El Seminario 9 - La identificación (1961-1962)	Escuela Freudiana de Buenos Aires			Argentina	Ricardo E. Rodriguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	As notas de tradução são feitas pelo próprio tradutor
El seminario 10 - La angustia El seminario 10 - La angustia (1962-1963)	Paidós	2006	1ª edición castellana 2006 - 3ª reimpresión, 2007	Argentina	Enric Berenguer	Gabriela Uboldini	Juan Granica	Não	Sim	O revisor aparece como "corretor". Há outras informações que não compreendi
El seminario 11 - Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis	Escuela Freudiana de Buenos Aires			Argentina	Ricardo E. Rodriguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	As notas são feitas pelo próprio tradutor
El seminario 12 - Problemas cruciales para el psicoanálisis El seminario 12 - Problemas cruciales para el psicoanálisis (1964 -1965)	Escuela Freudiana de Buenos Aires	1987	1ª edición castellana, 1987 - 16ª reimpresión, 2010	Argentina	Juan Luis Delmont-Mauri - Julieta Sucre	Diana Rabinovich	Juan Granica	Não	Não	Notas feitas pelo próprio tradutor

## APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS										
TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS	OUTRAS INFORMAÇÕES
El seminario 14 - La lógica del fantasma El seminario 14 - La lógica del fantasma	Escuela Freudiana de Psicanálise	Possivelmente, maio de 2008		Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	Notas feitas pelo próprio tradutor. Há a informação "Nuestra Traducción" mas não deixa claro a quem se refere nesse "nuestra". No prefácio o autor revela que faz anos que iniciou a tradução desse seminário. O autor também fala sobre o defeito das outras traduções que está em se basear na mesma versão em francês.
El seminario 16 - De un otro al otro	Paidós	2008	1ª edición Castellana, 2008	Argentina	Nora A. González	Graciela Brodsky	Juan Granica	Não	Não	
El seminario 17 - El reverso del psicoanálisis	Paidós	1992	1ª edición, 1992 - 7ª reimpression, 2008	Argentina	Enric Berenguer - Miquel Bassols	Não	Juan Granica	Não	Não	



## APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS										
TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS	OUTRAS INFORMAÇÕES
El seminario 18 - De un discurso que no fuese semblante	Paidós	2009	1ª edición Castellana, 2009	Argentina	Nora A. González	Graciela Brodsky	Juan Granica	Não	Não	
El seminario 18 - De un discurso que no sería (del) semblante	Escuela Freudiana de Psicanálise			Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	Neste seminario, o autor não usa o "nuestra traducción"
El seminario 19 - ... o peor (1971-1972)	Paidós	2012	1ª edición, junio de 2012	Argentina	Gerardo Arenas	Graciela Brodsky	Juan Granica	Não	Não	
El seminario 19 - ... o peor (1971-1972)	Escuela Freudiana de Psicanálise			Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	
El seminario 20 - Aun	Paidós	1975	1ª edición, 1975 - 9ª reimpresión, 2008	Argentina	Diana Silvia Rabinovich, Delmont-Mauri, Julieta Sucre	Diana Rabinovich	Juan Granica	Sim	Não	A nota de tradução é feita por uma das tradutoras, Diana Rabinovich.
El seminario 20 - Otra vez Encore	Escuela Freudiana de Psicanálise			Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	O que chama bastante atenção é o fato de o seminario oficioso ter um nome tão diferente da versão autorizada.
o los nombres del padre	Psikolibro									
Seminario 21 - Los incautos no yerran (Los										
El Seminario 22 - R.S.I (1974-1975)	Escuela Freudiana de Buenos Aires	1989-2002		Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	



## APÊNDICE B - INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS

INFORMAÇÕES EDITORIAIS DAS OBRAS TRADUZIDAS										
TÍTULO	FONTES	ANO DA PUBLICAÇÃO	EDIÇÕES	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR(ES)	REVISOR(ES)	EDITOR (ES)	PARATEXTO TRADUÇÃO	PARATEXTO REVISOR/OUTROS	OUTRAS INFORMAÇÕES
El seminario 23 - El sintoma El seminario 23 - El sintoma (1975-1976)	Paídos	2006	1ª edición castellana, 2006	Argentina	Nora A. González	Graciela Brodsky		Não	Não	Para a circulação interna de la escuela Freudiana de Buenos Aires
	Escuela Freudiana de Buenos Aires			Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	
El seminario 27 - Disolución (1979-1980)	Escuela Freudiana de Buenos Aires			Argentina	Ricardo E. Rodríguez Pontes	Não	Não	Sim	Não	

## APÊNDICE C - OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN

OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN								
NOME	NACIONALIDADE	GEOGRAFIAS	LÍNGUAS	Ocupação e formação	TIPOS DE PRODUÇÕES	QUANTIDADE DE OBRAS DE JACQUES LACAN QUE TRADUZIU	PRODUÇÕES QUE REFEREM O TRABALHO COMO TRADUTOR/A	OUTRAS INFORMAÇÕES
Tomás Segovia	Espanha	Espanha México	Espanhol Francês	Escritor, tradutor e professor - Formado em Filosofia e Letras	Há registros - exemplos Autor de diversas obras literárias, autor de ensaios, escreveu uma obra de teatro e algumas narrativas	2 vezes	Há registro	Naturalizado mexicano após se exilar no país em decorrência da guerra civil espanhola
Armando Suárez	Espanha	Espanha Austria México	Francês Alemão Espanhol	Psicanalista, tradutor, revisor, diretor de coleção, autor de livros sobre psicanálise	Autor de livros de psicanálise	2 vezes	sem informação	
Rithee Cervasco	França	França Espanha	Francês Espanhol	Psicanalista, socióloga e ensaísta	há registros - exemplos Autora de livros que tratam acerca da psicanálise	1 vez	Sem informação	O que majoritariamente aparece é o livro <i>La Discordância de los sexos</i> da autoria de Rithee Cervasco. A psicanalista possui uma página no Facebook, mas a página não tem muitas informações. Quando coloco "Rithee Cervasco autora" tem um link que mostra todas os livros de Rithee. Quando busco por "Rithee Cervasco tradutora" não tem uma informação a respeito.

## APÊNDICE C - OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN

OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN								
NOME	NACIONALIDADE	GEOGRAFIAS	LÍNGUAS	Ocupação e Formação	TIPOS DE PRODUÇÕES	QUANTIDADE DE OBRAS DE JACQUES LACAN QUE TRADUZIU	PRODUÇÕES QUE REFEREM O TRABALHO COMO TRADUTORA/A	OUTRAS INFORMAÇÕES
Vicente Mira Pascua	Espanha	Espanha França	Espanhol Francês	Psiquiatra, psicanalista e tradutor	Há registro - exemplos Autor de um livro "Conceptos Freudianos" e alguns artigos em revistas do Ramo, foi um grande conferencista até o seus últimos dias de vida.	1 vez	Sem informação	Embora seja apresentado em sua página da Wikipedia como tradutor de Jacques Lacan, na catalogação aparece como tradutor de 1 seminário.
Irene Agoff	Argentina*	Argentina	Francês Espanhol	Tradutora Formada na Facultad de Derecho de Buenos Aires, exerceu a Advocacia em tre 1968 e 1973.	Há registros - exemplo Tradutora de mais de 250 livro que tratam sobre psicanálise, linguística, filosofia, sociologia e disciplinas afins.	1 vez	Há registro	Há um vídeo no you tube no qual fala sobre seu trabalho como tradutora
Juan-Luis Delmont-Mauri	Venezuela*	Venezuela	Francês Espanhol	Psicanalista - Formado em psicanálise, filosofia, ciências Políticas e Letras clássicas.	Sem informação	4 vezes	Há registro	Foi entrevistado junto com Julieta Sucre por Myro Vestrini. Nessa entrevista responderam perguntas sobre a tradução e o tradutor. Possui página no facebook.
Diana Silvia Rabinovich	Argentina	Argentina Venezuela	Espanhol Francês Inglês	Psicanalista - Formada em Filosofia e psicologia. Cursou cinco anos e meio de medicina	Há registro - exemplo Escritora de vários livros	3 vezes	Há registro	Há uma espécie de artigo que a própria Diana Rabinovich fala sobre sua vida pessoal incluindo formação.

## APÊNDICE C - OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN

OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN								
NOME	NACIONALIDADE	GEOGRAFIAS	LÍNGUAS	OCCUPAÇÃO E FORMAÇÃO	TIPOS DE PRODUÇÕES	QUANTIDADE DE OBRAS DE JACQUES LACAN QUE TRADUZIU	PRODUÇÕES QUE REFEREM O TRABALHO COMO TRADUTOR/A	OUTRAS INFORMAÇÕES
Enric Berenguer	Espanha*	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação	6 vezes	Há registro	
Gerardo Arenas	Argentina	Argentina Uruguay Brasil	Espanhol Português	Psicanalista, estudou física na Universidad de Buenos Aires	Há registros - exemplos traduz somente livros que falam sobre psicanálise e também é autor de livros.	2 vezes	Há registro	Estudou Psicologia e Física na universidade de Buenos Aires *Página no facebook
Ricardo E. Rodríguez Pontes	Argentina	Argentina	Espanhol Francês	Psicanalista, tradutor, professor	Há registro - exemplos: Proferiu e publicou numerosos artigos e também é tradutor de uma grande parte das obras de Jacques Lacan	12 vezes	Há registro	Realizou as traduções para a circulação interna da Escola Freudiana de Buenos Aires
Julietta Sucre	Venezuela*	Venezuela	Espanhol	Psicanalista	sem informação	3 vezes	Há registro	Foi entrevistada junto com Juan Luis Delmont Mauri por Miryo Vestrimi. Nessa entrevista responderam perguntas sobre a tradução e o tradutor.



## APÊNDICE C - OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN

OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN								
NOME	NACIONALIDADE	GEOGRAFIAS	LÍNGUAS	Ocupação e Formação	TIPOS DE PRODUÇÕES	QUANTIDADE DE OBRAS DE JACQUES LACAN QUE TRADUZIU	PRODUÇÕES QUE REFEREM O TRABALHO COMO TRADUTORA/A	OUTRAS INFORMAÇÕES
Nora A. González	Sem informação	Sem informação	Espanhol	Sem informação	Sem informação	3 vezes	sf	Quando coloca o nome no google, não aparece nada que se refere a uma tradutora. Aparece outras informações de Brasileiras, não relacionadas à tradução. Ao colocar tradutora, também não aparece nada de relevante. "Nora A. González tradutora de Lacan" aparece obras de lacan com o nome dela e mais nada.
Miquel Bassols	Espanha*	Espanha (atualmente)	Espanhol	Psicanalista	Há registros - exemplos autor de vários artigos e livros em espanhol	1 vez	Há registro	Posso inferir que um dos seus idiomas é o espanhol uma vez que é tradutor para essa língua.
Graciela Esperanza	Argentina	Argentina	Espanhol Francês	Psicanalista - Professora - Psiquiatra - Artista	Produções como tradutoras (vários textos de Outros Escritos)*	1 vez	Há registro	

## APÊNDICE C - OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN

OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN								
NOME	NACIONALIDADE	GEOGRAFIAS	LÍNGUAS	Ocupação e Formação	TIPOS DE PRODUÇÕES	QUANTIDADE DE OBRAS DE JACQUES LACAN QUE TRADUZIU	PRODUÇÕES QUE REFEREM O TRABALHO COMO TRADUTOR/A	OUTRAS INFORMAÇÕES
Guy Trobas	França	França	Espanhol - Francês	Psicanalista - Formado em psicologia patológica	Sem informação	1 vez		Ao colocar o nome dele no google para fazer buscas, aparece uma entrevista feita junto com Graciela Esperanza. Há também algumas inf. em francês. Não aparece nada sobre traduções a não ser o nome dele em <i>Otros Escritos</i> . Quando coloca tradução, aparece somente o livro já mencionado.
Silvia Tendlarz	Argentina	Argentina França	Espanhol - Francês	Psicanalista - Tradutora - Escritora - Professora - Doutora em psicanálise psicologia	Há registro - exemplos: autora de livros de psicanálise traduzidos para muito idiomas	1 vez	Há registro  Sem informação	Possui um site que apresenta o seu trabalho. Trabalha na parte editorial dirigindo a Coleção <i>Dna</i> e se ocupa do <i>escribalecmento</i> dos cursos de Jacques-Alain Miller. Doutora em psicologia e psicanálise.
Vicente Palomera	Espanha	Espanha	Espanhol - Francês	Psicanalista - Diretor de coleções - Escritor	Há registro - exemplos: autor de livros	1 vez	Sem informação	A maioria dos sites oferecem a mesma informação. Possui doutorado em psicanálise na universidade de Paris.

## APÊNDICE C - OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN

OS TRADUTORES DE JACQUES LACAN								
NOME	NACIONALIDADE	GEOGRAFIAS	LÍNGUAS	OCCUPAÇÃO E FORMAÇÃO	TIPOS DE PRODUÇÕES	QUANTIDADE DE OBRAS DE JACQUES LACAN QUE TRADUZIU	PRODUÇÕES QUE REFEREM O TRABALHO COMO TRADUTORA/A	OUTRAS INFORMAÇÕES
Margarita Álvarez	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação	1 vez	Sem informação	Ao colocar somente o nome da autora, aparece uma outra mulher, aparentemente americana. Quando coloca o nome da autora com a adição da palavra "tradutora" aparece uma breve entrevista em que fala da revista que é editora. Ao colocar o nome da tradutora e acrescentar "Jacques Lacan" só aparece informações a respeito de Jacques Lacan.
Antoni Vicens	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação	1 vez	Sem informação	Aparece o nome dele como tradutor em outro livro. E também há um menções do nome Antoni Vicens ligados a literatura. Porém, não tenho certeza se trata do Tradutor de Jacques Lacan.